



Comunidades Remanescentes dos Mocambos do Alto Trombetas

Prof. Dr. Eurípedes Antônio Funes
Departamento de História Universidade Federal do Ceará

dezembro de 2000



Apresentação

O estudo "*Comunidades Remanescentes dos Mocambos do Alto Trombetas*" integra as iniciativas do Projeto Manejo dos Territórios Quilombolas conduzido pela Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná e pela Comissão Pró-Índio de São Paulo com o apoio financeiro da agência de cooperação holandesa ICCO.

Para a realização deste trabalho contou-se com o apoio do historiador Eurípedes Funes. O Professor Doutor da Faculdade de História da Universidade do Ceará é grande conhecedor da história dos quilombos do Baixo Amazonas que foi tema de sua dissertação de doutorado ("*Nasci nas Matas, Nunca Tive Senhor: História e Memória dos Mocambos do Baixo Amazonas*", Departamento de História da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995).

Com a divulgação deste estudo, a ARQMO e a CPI-SP buscam sensibilizar o Poder Público a promover a regularização das terras ocupadas pelas Comunidades Remanescentes de Quilombos Abuí, Paraná do Abuí, Tapagem, Sagrado Coração, Mãe Cué, Juquiri, Jamari, Juquirizinho, Palhal, Último Quilombo do Erepecú e Moura que ocupam a região do Alto Rio Trombetas, no Município de Oriximiná, no Estado do Pará.

A titulação destas áreas quilombolas impõe o enfretamento de uma questão delicada: a necessidade de adequação dos limites de unidades de conservação criadas em terras secularmente ocupadas por comunidades remanescentes de quilombos.

As comunidades do Alto Trombetas vêm enfrentando uma série de dificuldades para manter seu modo de vida tradicional desde que as suas terras foram transformadas na Reserva Biológica do Trombetas e na Floresta Nacional Saracá-Taquera.

A ARQMO e a CPI-SP acreditam que a existência de tais unidades não pode constituir cerceamento aos direitos constitucionais desta população e buscam, através do diálogo com o Poder Público, encontrar uma solução para garantir os seus direitos territoriais.

O presente estudo pretende constituir, portanto, uma porta e um subsídio para este necessário diálogo.

1 - Introdução

Falar em comunidades negras remanescentes de quilombos, no Rio Trombetas, Estado do Pará, é remeter a uma história marcada por conflitos, resistências de cativos que romperam com a sua condição social ao fugirem dos cacaiais, das fazendas de criar, das propriedades dos senhores de Óbidos, Santarém, Alenquer e mesmo de Belém e outros centros urbanos. É navegar nas reminiscências vivas que marcam as experiências sociais e vivências dos afro-amazônidas, descendentes desses negros que constituíram no alto Trombetas os seus espaços, onde ser livre era possível.

As marcas desse processo histórico são visíveis na documentação gerada pelo governo paraense como correspondências, relatórios e autos cíveis; em jornais da época, nas narrativas produzidas por viajantes, em sua maioria cientistas, que visitaram aquele rio ao longo da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX. Mas, sobretudo está visível, e permanente, na memória daqueles que são os continuadores dessa luta. Se num primeiro momento o enfrentamento se colocava no sentido de construir a liberdade rompendo com a escravidão, hoje a luta se coloca no sentido de libertar a terra para continuarem a ser livres e terem assegurado um direito de cidadania.

No diálogo com os mais velhos, moradores das comunidades Abui, Paranã do Abui, Tapagem, Sagrado Coração, Mãe Cué, Jamari, Juquiri Grande (Juquiriaçu), Erepecú (Aripecu) e Moura, alguns deles hoje falecidos como o Sr. Donga, foi possível encontrar nos meandros do labirinto os varadouros que nos levaram à história dessa gente. História que ocupa um lugar na memória e faz dessa um referencial de identidade.

Uma memória que é dinâmica, assim como a história já que, como afirma Alistair Thonson “Experiências novas ampliam constantemente as imagens antigas e no final exigem e geram novas formas de compreensão. A memória *gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas*, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias escolhem para recordar e relatar (e, portanto, relembra), e como damos sentidos a elas são coisas que mudam com o passar do tempo.(...) Esse sentido supõe uma relação dialética entre memória e identidade. Nossa identidade (ou “identidades”, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com nossas próprias vivências. Construímos nossa identidade através do processo de contar história, para nós mesmos - como histórias secretas ou fantasias - ou para outras pessoas, no convívio social”.⁽¹⁾

A memória mesmo sujeita a influências e novos valores, parte natural do processo evolutivo do grupo que a preserva enquanto elemento que dá sustentação à identidade e ao sentido de origem, mantém o seu cerne como elemento de vínculo entre o presente e o passado. A repetição de fatos, nomes, lugares e atitudes, são marcadores significativos, e ao mesmo tempo reveladores, que permitem traçar a trajetória histórica do grupo. Exemplo: vieram da África, fugiram, mocambeiros, remanescentes. É quando a memória vira fonte para a história.

A memória é historicamente condicionada, mudando de cor e forma de acordo com o que emerge no momento; de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da “tradição”, ela é progressivamente alterada de geração em geração. Ela porta a marca da experiência, por maiores mediações que esta tenha sofrido.. A História “integra o que no original pode ter sido divergente, sintetiza diferentes classes de informação e contrapõe diferentes ordens de experiências. Traz o meio-esquecido de volta à vida, de uma forma muito parecida à dos pensamentos oníricos. E cria uma narrativa consecutiva a partir dos fragmentos, impondo ordem no caos e produzindo imagens muito mais claras do que qualquer realidade poderia ser”.⁽²⁾

No presente texto, além da documentação e dos relatos de viajantes, recorreremos a narrativas dos moradores do Alto Trombetas. Alguns ouvidos por ocasião do IV Encontro Raízes Negras, realizado na Tapagem em julho de 1992, numa atividade chamada “mesa com os mais

1 - THONSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. In *Projeto. História*. São Paulo: PUC/SP, N.º 15, abr.1997. p . 57

2 - SAMUEL, Raphael. *Teatros de memória* In *Projeto. História*. São Paulo: PUC/SP, N.º 14, fev. 1997 p.44/ 45

velhos”, outros em julho de 2000 e o Sr. Raimundo da Silva Cardoso (Donga) em julho de 1992, em Oriximiná - *vide Anexo 1*.

Histórias de comunidades cujas ancestralidades remontam às sociedades mocambeiras que se constituíram ao longo do Rio Trombetas, no século XIX, em particular nas áreas das cachoeiras, onde os pais de vários desses depoentes, e alguns deles, nasceram. Hoje estão estabelecidos numa área ocupada por aproximadamente 370 famílias, cujos “ramos” estão entrelaçados por relações de parentesco, compadrio e outras afinidades. Mas sobretudo, entrelaçados por uma mesma história, partilhando experiências comuns e a constituição de uma identidade marcada pelo sentido de pertença e construção de um espaço único - terras de remanescentes.

As narrativas vão dando conta de vários lugares de refúgios, nascimentos e de encontros. São lugares que constituem um cenário de memórias. Um cenário que se configura num território de negros, que em alguns casos, no processo de fuga e de estabelecimento de mocambos, sobrepueram a áreas ocupadas anteriormente por índios, como é o caso de Mura que virou Moura.

Uma percepção viva do passado, que não é apenas conhecido, mas vivido e sentido pessoalmente, lembrado de forma coletiva.

2 - BUSCANDO AS ÁGUAS BRAVAS ⁽³⁾

O processo de fuga, individual ou coletivo, geralmente ocorria em épocas de festas e mais especificamente, no caso da Amazônia, no período de cheias: dezembro a maio. Nessa região as festas, em especial as dos ciclos: natalino e junino, coincidem com o tempo de inverno e da castanha. Os registros de fugas publicados no *Baixo Amazonas* apontam essa evidência. No dia 3-01-1876, do rio Aritapera, fugiu da propriedade de Antônio Luiz de Almeida o escravo Manoel. Bem conhecido de todos, ele fugiu em companhia de mais 10 escravos, “furtarão uma montaria, em que embarcarão para se evadirem”.⁽⁴⁾

Uma fuga continuada, e às vezes recorrente, como o caso do carafuz Gregório, que fugiu no dia 16 de dezembro de um sítio do rio Aritapera “conhecido no rio Trombetas por Raymundo, levando em sua companhia a tapuia de nome Maria, juntamente a escrava Sabina com 2 filhos menores pertencentes a D. Maria Martins. Estes escravos foram capturados em março pelo capitão do matto o Sr. cândido Manoel do Espírito Santo e entregues ao Sr. Antônio Joaquim Vianna... É de Supor que os ditos escravos fossem para o mesmo Trombetas e por isso peço as autoridade de Óbidos e mesmo capitão do mato que haja de captural-os.”⁽⁵⁾

Este registro torna-se interessante pelo fato de apontar para o processo de aliciamento procedido pelos quilombolas, uma forma de reprodução dessas sociedades. Veja nesse sentido o ofício do subdelegado de polícia de Óbidos, sobre as fugas ocorridas quando da vinda de quilombolas a cidade, “ocazião em que eles cruzão os districtos desta villa, consta que elles fazem esses descimentos por ser o tempo mais oportuno pella facilidade, que dá as enchentes dos rios para se proverem de pólvora, armas e do mais que lhes é necessário. É nesta época justamente que se multiplicão as fugas de nossos escravos por observações que se tem feito, se tem conhecido que elles tem proteção estabelecida dentro desta villa”.⁽⁶⁾

Um alerta nesse sentido foi feito pelo jornal *Baixo Amazonas*, no dia 08 de janeiro de 1876. “Convém também dizer à autoridade de que de janeiro a maio em que enche o Amazonas, é o tempo que os escravos julgam mais apropriado para fugirem Neste tempo o trânsito, que é todo fluvial, facilita-lhes poderem navegar por atalhos que conhecem ou por onde são conduzidos, sem o receio de serem agarrados; por este tempo que é o em que se faz a colheita das castanhas.”

Tempo de festa, tempo de cheias, tempo da castanha - era este o tempo da fuga. Os escravos buscavam o rio, à noite, em canoas tomavam os furos, os igarapés, passando de um lago a outro. Pelos paranãs varavam de um braço a outro do rio. Adentravam pelo Amazonas, subiam para as cabeceiras de seus afluentes da margem esquerda, onde se estabeleciam acima das primeiras corredeiras e cachoeiras, as “águas bravas”, interpondo assim, obstáculos

3 Boa parte do presente texto foi extraído de minha tese de doutorado: “*Nasci nas Matas Nunca Tive Senhor - história e memória dos Mocambos do Baixo Amazonas*”. São Paulo: USP, 1995.

⁴ Jornal *Baixo Amazonas*, Santarém, 8-01-1876

⁵ Jornal *Baixo Amazonas*, Santarém, 30-12-1882

⁶ APEP. Fundo Secretaria de Polícia da Província. Ofício do Subdelegado de Polícia de Óbidos, João Antônio Nunes, 15-01-1854. Documentação em caixa.

naturais entre eles e seus perseguidores.

Processo este, que está na narrativa dos afros-descendentes, onde é possível perceber e dar conta da fuga enquanto prática de resistência. Falas que remetem a outras falas perpassando histórias de outras comunidades cujas origens têm a mesma raiz. Veja nesse sentido a narrativa do Sr. José Santa Rita, que era morador do Pacoval - rio Curuá, ao fazer considerações sobre a fuga dos escravos que saíram de Santarém para o alto desse rio. *"Eles queriam ir atrás do pessoal deles, que já tinham regressado um pouco para o Trombetas fugidos. Então, eles fizeram essa mente de que se fosse subir, ela, Maria Macambira, já tava mais ou menos cismada de procurar os outros. Então eles resolveram baixar de Amazonas abaixo no intuito de procurar um lugar onde eles não fossem perseguidos, que ela ia perseguir. Aí, eles foram pra Monte Alegre, porque iam caçando meio de se esconder mesmo, mas como não havia abrigo pra eles aí, por que era muito pertinho da perseguição, arresorveram sarta de Monte Alegre por terra e procurar os destinos deles, pra onde desse pra eles pegarem o rumo dos parceiros que havia ido pro Trombetas. Eles contavam isso assim. Aí saíram atravessaram o Maicuru, mas ainda era perto da perseguição; aí atravessaram o Curuá, mas como é um rio muito seco, era verão, e de pouco alimento pra eles, atravessaram pra vê se pegavam mesmo onde os outros parceiros tavam. Aí foram, não alcançaram. Aí atravessaram o Curuá até que chegaram no Cuminá. Subiram rio acima, procurando lugar pra eles se acamparem melhó, onde podiam fazê as moradas deles."*⁽⁷⁾

Alcançar os parceiros e buscar um lugar seguro fora do alcance da perseguição, onde fosse fácil encontrar alimentos junto à natureza, eram elementos que também estavam nos planos dos escravos que foram para o rio Trombetas.

Segundo o Sr. Raimundo da Silva Cardoso (**Donga**), da Tapagem *"foi depois que eles fugiram dos senhores, que eles foram fazê a aldeia deles lá muito dentro das cachoeiras do Turuna e Ipoana. A primeira foi Maravilha, a segunda, quando foram atacados, foi no Turuna, daí foram pro Ipoana, lá os homens não chegaram mais."*⁽⁸⁾ Dico, de Oriximiná, por sua vez, referindo-se aos locais dos antigos mocambos do Trombetas, afirma: *"quando eu era pequeno ainda cheguei a ver lá acima da cachoeira a capoeira baixa, abacatais, laranjais, armações de casas que pertenciam aos negros de antigamente"*.⁽⁹⁾

Em alguns casos, essas tentativas acabavam em confronto aberto entre senhores e quilombolas, como no episódio ocorrido em 18-05-1860, quando mocambeiros do Trombetas atacaram a propriedade de Maria Macambira para ver "se conseguia levar consigo alguns escravos [...] mas não lograrão se o intento, por que forão acoçados por um filho da senhora que os dispersou, prendendo um dos seus agressores o qual fez revelações relativas aos quilombos que ali existem".⁽¹⁰⁾

Todavia muitos chegaram o alto Trombetas, como: José Cândido, 50 anos, pescador. Pedro, 55 anos, lavrador. Francisco, 54 anos, lavrador. Antônia Maria, 60 anos, lavradora, todos africanos, e Samaria, 46 anos, natural de Santarém, filha de Antônia Maria, lavradora. Todos pertenciam a João Antônio Nunes, proprietário de Óbidos.⁽¹¹⁾

Os altos dos Rios Erepecurú, Curuá e Trombetas, este em especial, configuraram-se como espaço das sociedades quilombolas, onde as autoridades governamentais tiveram pouco sucesso em suas expedições punitivas, empreendidas desde o início do século XIX.

Assim, na margem esquerda do Amazonas, "desde Almerim até Óbidos", haviam mocambos que necessitavam, na opinião do governo provincial do Pará, serem destruídos, "em razão dos graves prejuízos que sofrem os lavradores daqueles distritos com a fuga de seus escravos"⁽¹²⁾

Ao longo desse século essas comunidades continuaram a crescer, como bem registra o *Baixo Amazonas*, de 22 de fevereiro de 1873: "Apesar da grande falta de braços no que lutam os agricultores do Amazonas, aumentado este mal em que a avultada emigração para os seringais do Alto Amazonas, ainda temos a lamentar as continuas fugas de escravos que diariamente, abandonam seus senhores para se homisarem nos quilombos do Trombetas, em

⁷ José Santa Rita, entrevista fevereiro de 1992.

⁸ Donga, entrevista julho de 1993.

⁹ Dico. Apud, ACOB. Nossas Raízes. Óbidos - PA, 1990

¹⁰ - Falla do Presidente da Província Angelo Thomas do Amaral, dirigida à Assembléia Legislativa Provincial. Relatório apresentado pelo 1º Vice Presidente, Fábio Alexandrino de Carvalho Reis, 8-08-1860. Belém Typ. Santos e Filho. 1860.

¹¹ - Inventário de João Antônio Nunes (1878) - Cartório 2º de Óbidos.

¹² - APEP. Fundo Secretaria de Polícia, Ofício da Presidência da Província ao Chefe de Polícia 15-05-1847. Documentação em caixa.

Óbidos, e Curuá, em Alenquer. O número crescido de escravos que contem estes dois mocambos eleva-se, segundo bons cálculos, a mais de mil.

Não encontramos outro meio de extinguir os quilombos, já que tem sido impropício os meios empregados pelo governo, em suas expedições com o fim de bater os mocambeiro.”

Em 17 de dezembro de 1870, o fazendeiro José Joaquim Pereira Macambira, enviou uma carta ao chefe de polícia, da Província do Pará, Hermogenes Socrates Tavares Vasconcellos, afirmando que: “A muitos anos que minha mãe a Sra. D. Maria Margarida Pereira Macambira se ve privada do serviço de avultado número de escravos seus e do seu casal que se achão pio indivisos por terem elles se homeziados nos quilombos dos rios Curuá e Trombetas, sem que os meios empregados e a acção do governo tenham podido tiral-os de uma vida selvatica e restituídos ao animo de seus legítimos senhores.”⁽¹³⁾

O lamento do Sr. Pereira Macambira não era solitário. O editorial do *Baixo Amazonas*, do dia 8-01-1876 afirmava ser “aflitivo e verdadeiramente ameaçador em que vemos o direito de propriedade neste município, relativamente aos escravos, que em grande leva abandonaram os seus senhores, para se refugiarem nos soberbos quilombos nos cercam. Todos os dias registra-se uma muitas fugas de escravos, e de vez em quanto uma leva de dez, doze, vinte e até trinta escravos. Todos os anos se repetem estas cenas e não vemos remédio para isso, ou meio para que possa impedir, sem que a ação da autoridade se pronuncie. Se continuar a fuga de escravos em tão larga escala e com tanto desembaraço em pouco tempo os rios Trombetas e Curuá, terão concentrado em si todo o pessoal escravo do Amazonas e lugares adjacentes”.⁽¹⁴⁾

3 - VIVER EM MOCAMBOS

“*Chegaram lá foram fazê o acampamento deles*”; “*Fizeram as aldeias*”, “*Construíram as casas e foram buscá a família*”; são frases que os narradores sempre repetem ao se referirem ao momento em que os quilombolas encontraram o espaço ideal para se estabelecerem, apontando para o *modus vivendi* dos mocambos do Baixo Amazonas. Tentar-se-á entrar nesse mundo.

As habitações estavam localizadas nas partes altas das margens, em terra firme, fora do alcance das enchentes e evidentemente postas em lugares estratégicos, muitas das vezes ocultas de quem passasse pelo rio, em posição cômoda e bem escolhida, como as 36 casas “construídas de taipa, cobertas de palha e porta de japá”, encontradas por João Maximiano de Souza no Mocambo Maravilha, em 1855,⁽¹⁵⁾ dando a idéia de um aglomerado de moradias formando uma pequena vila, tendo os roçados mais para o centro. Esse aspecto revela a existência de dois espaços: o de morar e o de trabalhar. Até hoje nas comunidades negras o local onde se faz o roçado chama-se centro em relação à margem do rio, espaço de moradia e de sociabilidade.

Em 1866, Frei Carmello Mazzarino esteve por 10 dias entre os quilombolas do alto Trombetas. Considerando a data e a descrição feita por ele, os mocambos visitados foram o de Colônia e do Campiche para onde aqueles se transferiram após o ataque da expedição comandada por Maximiano de Souza, em 1855. Ali, esse franciscano encontrou “cerca de 130 pessoas, além de índios que estão no meio dos pretos, os quais estão divididos por muitos lugares e em cada um achei uma linda capelinha onde praticão atos religiosos”.⁽¹⁶⁾

O estilo de casa construída pelos mocambeiros era de “pequenas palhoças feitas de quatro esteios, cobertas de palha, abertas, com um girao, uma espécie de tecto feito de achas do stipo das palmeiras, sobre o qual dormem em redes, presas aos caibros da coberta. Prevenidos dormem assim ocultos”⁽¹⁷⁾.

13 APEP. secretaria de Polícia da Província - série ofícios. Carta enviada por José Joaquim Pereira Macambira ao chefe de polícia, da Província do Pará, Hermogenes Socrates Tavares Vasconcellos. 17/12/1870. Caixa 4

¹⁴ - Ibid

¹⁵ - João Maximiano de Souza publicou esse relatório, o Trombetas, no Jornal *Baixo Amazonas*, nº 53 de 25-12-1875, para corrigir algumas “inverdades, sobre o Trombetas, colocadas por F. Bernadino de Souza no seu livro Lembranças e Curiosidades do Valle do Amazonas”.

¹⁶ - APEP. Fundo Secretaria da Presidência da Província, série ofícios diversos, 1860-1869. Ofício do Frei Carmello Mazzarino ao Presidente da Província, 15-01-1868. Documentação em caixa

¹⁷ - RODRIGUES, João Barbosa. *Rio Trombetas. In Exploração e Estudo do valle do Amazonas*. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1875. p. 27

O mesmo modelo de habitação vista por O. Coudreau, no final do século XIX. Uma casa com divisão bastante simples, composta por "duas peças, uma para conversar, por que tem alguém mais conversador que um negro mocambeiro? E outra para dormir". Para ela, um tipo de moradia condizente com o modo de viver dos negros aquilombados, "uma promiscuidade repugnante" ⁽¹⁸⁾.

O tipo de habitação descrita por Barbosa Rodrigues, em 1875, e por Codreau, em 1899, era semelhante à do velho Ricardo e sua "consorte", moradores da cachoeira Porteira, que pode ser vista na foto de 1934, feita pelo fotógrafo da 1ª Comissão Demarcadora de Limites de Fronteiras.⁽¹⁹⁾ Uma construção feita de madeira, tipo paliçada amarrada com cipó, que deve ser o *timbó titica*, o mais usado e tido por resistente na região, e coberta de palha. Vê-se, neste caso, a área que corresponde à cozinha, o espaço mais público da casa. É onde se recebem as visitas, toma-se o café e, como não pode deixar de ser, conversa-se. Vide Anexo 2.

Pode-se observar o fogão construído com lascas, colocadas no sentido horizontal e recheado com terra compactada. Compõe o conjunto dos elementos indispensáveis o pilão, nesse caso construído de forma horizontal e com duas bocas, empregado para beneficiar o mantimento, pilar o arroz e o café.

Chamam a atenção nessa foto alguns objetos de uso cotidiano, como o jamaxi, a peneira, ambos feitos de fibras - sinais evidentes de uma influência indígena; o casco de uma tartaruga, que, por certo, garantiu as refeições daquela família por alguns dias, e conseqüentemente tornou-se um utensílio doméstico. Esses elementos, por sua vez, remetem a uma outra questão: a relação mocambo-meio ambiente.

Nas matas encontravam sementes oleaginosas como o "uixi-pacu" e "piquiá", com as quais fabricavam óleos empregados na iluminação. Segundo Barbosa Rodrigues, "das frutas maduras tiravam o epicarpio e mesocarpio, aquecia-os um pouco em uma vasilha e mettia essa massa dentro de um *Tipity* expremendo-a, corria então um lindo óleo amarello, muito transparente, porém de um cheiro um pouco nauseante, que se concentrou logo que a temperatura baixou, tornando-se esbranquiçado. Alguns derretem a massa ao fogo e apuram o óleo. Empregam-o geralmente só para luz"⁽²⁰⁾.

Nos rios e lagos buscavam, e buscam até hoje, o peixe, alimento diário. Faziam grandes salgas para se alimentarem nos períodos em que o pescado escasseava. Incorporavam à culinária a carne e ovos de tracajá e tartaruga, quelônios altamente apreciados pelas populações ribeirinhas.

Segundo Maximiano de Souza, do Mocambo Maravilha "vê-se a serra *Icamiaba* revestida de relva, que disse o preto Benedito [quilombola que servia de guia] ser essa relva batata doce, que ali cresce espontaneamente e de que se alimentam os mocambeiros e os gentios, disse mais ainda que nessa serra em certo tempo do ano, fazem grande caçada de porco montez que charqueiam para o abastecimento do mocambo" ⁽²¹⁾.

Na Amazônia, essa relação foi significativa para o sucesso das fugas, da resistência e, sobretudo, para a sobrevivência e reprodução dessas comunidades enquanto organizações sociais diferenciadas da sociedade escravista.

As comunidades quilombolas que se constituíram nos altos rios da Guiana Brasileira, foram por diversas vezes atacadas por expedições punitivas, mas também visitadas por religiosos, cientistas, comerciantes e pessoas comuns da região. Se, por um lado, isso significou a inserção daquelas comunidades no contexto local, por outro, representou a sua legitimidade e a concretude de um espaço de liberdade que sobreviveu à sociedade escravista.

A existência desses quilombos por tão longo tempo, com um contingente populacional significativo, implicava na presença de uma estrutura de poder e liderança capaz de manter a unidade (ou pelo menos alguma unidade); coordenar a resistência; e garantir a reprodução dessas sociedades.

¹⁸ - CODREAU, O. *Voyage au Cuminá*. Paris: A. Lahure Imprimeur-Éditeur, 1901. p. 178.

¹⁹ - Braz Dias de Aguiar. *Trabalhos da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites - Primeira Divisão - Nas Fronteiras da Venezuela e Guianas Britânica e Neerlandesa, de 1930 a 1940*. In: *Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia*.

²⁰ - João Barbosa Rodrigues. *Rio Trombetas* p. 19.

²¹ - João Maximiano de Souza. *O rio Trombetas*.

Frei Carmello Mazzarino, quando de sua subida pelo Trombetas, em 1866, ao se encontrar com os mocambeiros, manifestara o desejo de ir até o local onde viviam. Teve que esperar 15 dias pela resposta. Ou seja, enviaram alguns quilombolas para consultar as lideranças do quilombo, e somente então autorizou-se a entrada daquele religioso no mocambo, mas antes mandaram "adiante uma canoa para avisar aos outros e evitar alguns insultos, por que entre elles tinham resolvido matar a qualquer um que introduzisse um branco na morada delles" ⁽²²⁾.

Os quilombolas do Curuá que conseguiram escapar do ataque, "foragidos pelas matas, vieram se estabelecer no Trombetas", aos quais se juntara Athanázio, um carafuz escravo do Major Martinho da Fonseca Seixas, morador de Óbidos, que fugira em 1821, com mais 40 companheiros, estabelecendo-se num lugar que ficou conhecido por *lago do Mocambo*". Ahi chegando soube granjear a amizade e tornar-se respeitado, de maneira que fez-se eleger governador ou maioral e estabeleceu um governo despótico electivo, sendo elle senhor de baraço e cutello, a exemplo do que praticavam no Curuá. [...] Em 1823, uma expedição "bateu o dito mocambo aprisionando todos, até o rei Athanázio, que mais tarde tornou a fugir e fundou um novo mocambo". ⁽²³⁾

Tavares Bastos, bem antes de Barbosa Rodrigues, em 1866, afirmou que os negros do Trombetas viviam "debaixo de um governo despótico e eletivo [provavelmente o dito Athanázio] com efeito eles nomeiam o seu governador, e diz-se que os delegados e sub-delegados são também electivos. Imitam nas designações de suas autoridades os nomes que conheceram nas povoações"⁽²⁴⁾. Esses aspectos da organização quilombola denotam uma adaptação de modelos administrativos americanos.

Procurando confirmar as informações de Bastos (1866), Barbosa Rodrigues (1875), em sua viagem pelo Trombetas, indagou a alguns quilombolas, "muitos dos quais vivendo ali há mais de 30 annos", se existia entre eles esse tipo de governo, ao que responderam, "que procurando eles a liberdade, não se sujeitavam a poder algum, que cada um governa a sua família, e que como o proveito era comum viviam na maior união sem que até o presente tivesse havido um só caso de homicídio" ⁽²⁵⁾.

Se essa fala de Bastos não confirma, também não nega que, assim como Barbosa, teve como referência, para as suas conclusões, a história de Athanázio, a quem chama de "governador", "maioral" e "rei" que se fizera "eleger".

O fato de existir a "maior união", impedindo que houvesse "um só caso de homicídio", significava a presença de uma estrutura de poder que, mesmo diluída, administrava os conflitos internos garantindo o "proveito comum" e a "união", elementos indispensáveis à segurança e reprodução dessas sociedades.

Há de se considerar que talvez os quilombolas não vissem entre eles esse poder despótico a que se referem Bastos e Rodrigues, o que não significava, por sua vez, a ausência de uma estrutura de poder e autoridade. Mesmo que na segunda metade do século XIX tenha desaparecido a figura da corte, sua representação continua até os dias atuais nas manifestações culturais como o *aiué* e o *cordão do marambiré*, com os Reis de Congo, rainhas auxiliares, valsares, contramestre, onde a autoridade máxima está na figura do Rei de Congo.

Um poder que poderia estar diluído entre os mais velhos, o que hoje é lembrado pelos remanescentes, que já não sentem o "*respeito dos jovens*". A autoridade de um idoso representava a de um pai. "Cada um manda em sua família".

Não era rara a presença de índios vivendo nos quilombos, como constataria Frei Carmello de Mazzarino, em 1866. Desse convívio marcado por momentos de conflitos e de solidariedade, resultaram marcas significativas, expressas no tipo racial comum naquela região, o cafuzo e o tapuio. Marcas visíveis tanto nas comunidades negras como entre os grupos indígenas. Em 1934 os membros da Comissão Demarcadora de Fronteiras encontraram, no Trombetas, um núcleo de índios Kaxuyana composto por 13 indivíduos, "mantendo estreita ligação com os pretos do mesmo rio que os empregam na colheita da castanha e balata, além de servirem de suas mulheres. Muitos desses índios apresentam caracteres afro-mesclados com o mongólico característico das raças indígenas brasileiras".⁽²⁶⁾ Ao que tudo indica, pouco

²² - APEP. Ofício do Frei Carmello Mazzarino ao Presidente da Província, 15-01-1868.

²³ - João Barbosa Rodrigues. Rio Trombetas p. 25. Grifo meu

²⁴ - Bastos. A. C. Tavares. *O valle do Amazonas*. São Paulo: Nacional, (coleção Brasileira vol. 106), 1866. p. 201. Grifo Meu

²⁵ - João Barbosa Rodrigues. Rio Trombetas. p. 26.

²⁶ - Braz Dias de Aguiar. Relatório da Comissão de Fronteira. In: *Anais do IX Congresso de Geografia*.

ou quase nada havia mudado em relação à descrição feita por Barbosa Rodrigues em 1875.

Convém mencionar a leitura feita, por essa comissão, das comunidades negras que se encontravam "em estado semibárbaro, por haverem assimilado totalmente os usos e costumes dos índios com os quais estiveram em contacto. Vivem da caça, pesca e extração de produtos naturais".⁽²⁷⁾

Por muito tempo os regatões, esses "mascates fluviais", eram os únicos que se atreviam a subir os rios e adentrar os espaços dos quilombos. O rio Trombetas "temido pelo grande mocambo [...] conservava-se sempre misterioso, guardando os regatões a chave deste mistério, que por conveniência exageravam os perigos que ahi corria o indivíduo que tentasse explorá-lo". Que o diga Frei Mazzarino, que ao chegar na cachoeira Porteira, soube "com extremo desprazer, que um especulador de Obidos e acostumado a negociar, ou antes furtar aqueles pobres pretos fugidos do Trombetas, lhes disse que escondessem para o interior das terras e não aparecessem ao padre que chegava para levar a força do governo, debaixo do pretexto de religião, vinha atraí-los, o que foi o bastante para que muitos adentrassem pelas matas outros mais intrépidos e resolutos esconderão pelos arredores para ver o fim"⁽²⁸⁾.

Esses fatos demonstram não apenas os "desembaraços com que os mesmos escravos fugidos transitam por toda parte bem protegidos", como sua inserção na sociedade escravista, tornando pública e notória sua presença nas cidades.⁽²⁹⁾

Tais narrativas mais do que nunca evidenciam a legitimidade dessas sociedades quilombolas e a importância que ocupam no cenário sócio-econômico da região, a ponto de os "negociantes abandonarem o comércio dos povoados para se embrenharem nas mattas onde estabelecem casas de negócio para só traficarem com os escravos, que seduziram da companhias de seus senhores"⁽³⁰⁾.

São esses fatos que levam a perceber uma legitimidade conseguida pelos mocambos do Baixo Amazonas, que, mesmo tendo afetado o sistema escravista, não comprometeram a economia local. Ao contrário, dedicando-se ao extrativismo e à agricultura, apesar de incipiente, garantiam um excedente de farinha, fumo e produtos naturais, em especial a castanha, que tinham o consumo garantido no mercado regional. Aliás, como produtores, ocupavam boa fatia do mercado local.

Se destruir os mocambos restituía os escravos a seus senhores, por outro lado, como se vê, contrariava os interesses de um segmento considerável da sociedade local - os comerciantes, que sem dúvida eram homens que ocupavam cargos públicos e, por conseguinte, gozavam de prestígio político. Havia, portanto, um forte jogo de interesses entre o poder local e o Estado, no tocante à destruição das comunidades quilombolas.

Os quilombos integravam-se ao contexto local, ocupavam espaços na economia extrativista, resistiam e sobreviviam às ações repressivas, como fica claro no ofício do delegado de polícia de Óbidos: "neste districto existem já de muitos anos os quilombos do alto Trombetas, além das suas cachoeiras, assim como o do Mamiá, braço do lago Curuá Grande, para os quais todos os annos se tem evadido não pequeno número de escravos calculando-se o número d'elle, desde o anno de 1840, contar parte para mais de 150 de ambos os sexos, fora o que antigamente existião nos mesmos quilombos, cujo mesmo não nos he dado acertar hum calculo por já serem bem antigos. Só em 1827 teve lugar alguma destruição no rio Trombetas por uma expedição desta villa capturando muitos escravos, sempre escaparão alguns que para ali continuarão a persistir nas mattas"⁽³¹⁾.

Inexpugnáveis, persistências, chaga de longa data, são expressões que simbolizam a duração e a legitimidade dessas comunidades quilombolas. Uma legitimidade expressa na sua inserção na sociedade local, pelo fato de serem visitadas por religiosos, cientistas, viajantes, negociantes e pessoas comuns, e, sobretudo, pelo fato de as expedições punitivas deixarem de ocorrer no Trombetas ainda na década de 1860.

p. 312.

²⁷ - Idem p. 284.

²⁸ - APEP. Ofício do frei Carmello Mazzarino 15-01-1868.

²⁹ - Jornal *Baixo Amazonas*. 8-01-1876

³⁰ - Jornal *Baixo Amazonas*. 2 8-01-1876

³¹ - APEP. Fundo Secretaria de Polícia da Província, série ofícios. Ofício delegado de Óbidos, Dionízio Pedro Auzier. 14-01-1854. Grifo meu.

4 - Maravilha - Sobrevivendo às Expedições Punitivas

Nos mocambos do Trombetas as ações repressivas foram sustadas após da década de 1860. Observando as expedições que foram enviadas a esse rio, percebe-se a periodicidade com que foram realizadas e o pouco sucesso obtido, no tocante à prisão de quilombolas.

Apesar de considerados antigos, só em 1827 teve lugar "algua destruição no rio Trombetas por uma expedição dessa villa, que capturando muitos escravos, [entre eles o rei Atanásio] sempre escaparão alguns que para ali continuarão a persistir nas mattas"⁽³²⁾.

Nos fins de 1852, portanto 25 anos depois, seguiu para o Trombetas uma expedição enviada pelo delegado de polícia de Santarém, auxiliada pela vila de Óbidos, tendo por guia "hum escravo de D. Maria Macambira, que se havia apresentado, cuja diligência teve de retroceder já das praias daquele rio, por infelizmente haver adoecido das sezoens quase todos os praças de que se compunha a diligência e alguns remeiros, depois do que nenhuma outra diligência se tem posto em prática pela absoluta falta de meios que estejão a disposição das authoridades policiaes para ocorrerem às despesas que urgem diligências desta natureza. Posso certificar a V. S^a que nestes últimos anos de 1851 a esta parte tem sido neste districto mais freqüentes as fugas de escravos podendo atribuir-se a tal ou qual certeza que elles tem de não serem perseguidos nos seus quilombos". Segundo o delegado de Óbidos, o fracasso das expedições se dava não em razão da falta de energia das autoridades locais, mas especificamente em razão da falta de meios necessários para poder pôr em "prática a convenientes diligências".⁽³³⁾

Os relatos feitos por João Maximiano de Souza sobre a expedição que comandou, em 1855, contra os quilombolas do Trombetas dão uma idéia da dimensão e das dificuldades dos combates a essas chagas tão temidas pelas autoridades governamentais.⁽³⁴⁾

No mês de outubro de 1855, coube àquele capitão, o "árduo encargo de comandar uma expedição ao rio Trombetas composta de 190 praças", tendo entre os seus subordinados os tenentes Antônio Gentil Augusto e Silva, afim de bater os negros "quilombolas que se achavão aquilombados nos famosos mocambos desse rio, d'onde annualmente sahião para, em suas excursões pelos districtos de Óbidos e Santarém, praticarem roubos e quantas depredações lhes parecia"⁽³⁵⁾.

É bom lembrar que esse texto foi escrito depois da publicação das obras de Tavares Bastos, em 1866, e ao mesmo tempo em que João Barbosa Rodrigues, em 1875, falava da tranquilidade com que os mocambeiros vinham a Óbidos, transitavam publicamente e tomavam a bênção de seus antigos senhores, e compravam o que era necessário.

Após essas rápidas observações, é interessante voltar à expedição que estava sob o comando de Maximiano de Souza, que "não surtiu o effeito desejado pelas eventualidade e obstáculos naturaes que a cada passo burlavão o meu intento, sem contudo desanimar-me de prosseguir na diligência até o ponto que era destinada.

Se por um lado não consegui surpreender e aprisionar os negros em seus quilombos, por outro consegui muito, que foi destruir suas habitações, "verdadeira cidadella ou praça de guerra e pol-os em debandada, conseguindo mais evitar que d'ahi por diante elles continuassem em liberdade a fazer novas e funestas execuções".

Maximiano procurava valorizar, de forma equivocada, o resultado de sua expedição. Os quilombolas não foram presos, eles retiraram-se e estabeleceram-se na cachoeira Campiche, acima do local em que estavam, onde, provavelmente, Mazzarino os encontrara em 1867, chegando a se estabelecerem no Turuna, conforme fala de Sr. Donga, de onde saíra o mocambeiro Antônio Basílio, preso em 1876, no distrito de Alenquer no rio Curuá. Em liberdade, aqueles quilombolas continuaram a fazer suas excursões e incursões pelas vilas, circulando por lagos e rios da região.

³² - APEP. Fundo Secretaria de Polícia da Província, série officios. Offício do Delegado de Polícia de Óbidos Dionizio Pedro Auzier. 14-01-1854. Esse dado contradiz a afirmativa de P. Friel, de que os quilombos se constituíram ali a partir de 1835, com a Cabanagem. Tradição histórico-lendárias dos Kachuyana e Kah.yana. In *Revista do Museu Paulista*. Vol IX p. 226.

³³ - APEP. Offício do Delegado de Óbidos, Dionizio Pedro Auzier, 14-01-1854.

³⁴ - João Maximiano de Souza publicou esse relatório, o Trombetas, no jornal *Baixo Amazonas*, nº 53 de 25-12-1875, para corrigir algumas "inverdades, sobre o Trombetas, colocadas por F. Bernadino de Souza no seu livro Lembranças e Curiosidades do Valle do Amazonas".

³⁵ - Antônio Gentil Augusto e Silva, em 1875 quando foi publicado o relatório de Maximiano de Souza, era major e deputado provincial.

Além de obstáculos naturais, Maximiano teve que "luctar com a moléstia que se desenvolveu na tropa expedicionária e a insubordinação de parte della como se tudo se comprasia em nulificar a minha marcha. Resta-me a consciência de ter cumprido o meu dever, embora sinto até hoje os terríveis efeitos da moléstia que adquiri nos insalubres lugares que percorri [...] Para transpor as cachoeiras exige-se canoa adaptada para este mister, tripolada com piloto especial e equipagem adestrada neste modo de viajar todo escepacional". Cachoeiras "medonhas" constituíram obstáculos naturais que deveriam ser transpostos por aqueles que pretendiam chegar aos mocambos. Elas retardavam as expedições, dando oportunidade aos mocambeiros, que, avisados das diligências, deslocavam -se para outros lugares. Uma aliada natural, hoje cantada em prosa e verso pelos remanescentes: "Mãe Cachoeira se não fosse você eu não estaria aqui"⁽³⁶⁾.

Até chegar ao mocambo Maravilha, a expedição atravessou aproximadamente quinze cachoeiras entre elas o *Caldeirão do Inferno*, acima da qual o rio perde a sua "forma ordinária e confunde-se n'uma infinidade de ilhas superpostas uma as outras tantos canaes difficilmente navegaveis, até rumo N.O."⁽³⁷⁾.

Quando Maximiano se encontrava na cachoeira Quebra-Pote, ou Engolideira, para seu desconforto, o capitão-do-mato, que era o guia da expedição, veio dizer-lhe que não podia mais conduzir a tropa "d'ahi por diante pelo motivo de não saber dos caminhos. Este inesperado incidente longe de me causar desânimo acorçoou mais meu desejo de bem despenhar a minha ardua Missão".

Mesmo sendo uma pessoa destemida, e determinada, fazendo de cada desgraça um estímulo para continuar "sua missão", por certo deve ter se perguntado: e agora? Sem guia, e sem um rumo certo a seguir, a única saída encontrada foi confiar no "instincto dos gentios" que o acompanhavam, depositando "nelles inteira confiança". Benditos Mundurucu. Mais uma vez faz sentido a fala de Manuel da Costa Vidal, em 1813, sobre a importância de se terem os índios como aliados por serem excelentes guias.

Mas nem todos os momentos foram de desencantos e desenganos para este comandante. À frente da expedição seguiam alguns negros em fuga, após terem visto a tropa. Eram mocambeiros do Maravilha que baixavam o rio para negociar e, ao terem deparado com a diligência, procuravam voltar ao mocambo e avisar os demais companheiros que o inimigo se aproximava. Na "marcha precipitada em que ião quiz a fatalidade que elles perdessem, ao transpor uma cachoeira, a pequena canoa em que navegavão, e sem outro recurso mais do que prosseguirem na viagem por terra, foi fácil agarrar-se um dos fugitivos, preto escravo de nome Benedicto, que d'ahi por diante foi nosso guia"; que com certeza deve ter esticado o caminho para dar tempo aos seus companheiros não serem apanhados, já que "forão elles os que levarão a notícia ao quilombo da ida da tropa, e, por conseguinte, os que malograram a expedição".

Ao ser interrogado, Benedicto informou que descia o rio com seus companheiros para se "refazerem do que lhes era preciso no mocambo [...] que comportava pessoal de ambos os sexos, superior a 70 negros; que estavam em contacto com os gentios, menos alguns que são antropophagos".

Quando tudo parecia resolvido, já que conseguira um guia, peça-chave para o sucesso de uma diligência, Maximiano deparou com um novo problema: a deserção de parte de sua tropa. Pelo seu desabafo dá para perceber a angústia por que passara. Diz ele: "Empenhado nesta viagem fui superando difficuldades, que a cada passo surgião para embargar-me o passo; via-me já a braços com a fome e com a peste, restava-me a traição enfrentar-se para me desanimar". Fato que não o deixou a esperar.

Numa das paradas para pernoite, foi notificado por um soldado, encarregado da ronda, que "muito praças formavão o projecto de abandonar-me e retrocederem para se recolherem a seus domicílios, distinguindo-se entre os sediosos os praças do batalhão de Obidos". Ciente de tal ocorrência, mandou formar a tropa e intimou "aos cobardes que desejão voltar que dessem um passo a frente". Se o capitão esperava que fossem poucos os "sediosos", teve uma surpresa: 47 praças deram um passo à frente, sendo 32 de Obidos, 6 de Santarém, 9 de Vila Franca e ainda 1 de seus homens de confiança e de comando, o alferes Alvarenga, que deu "parte de doente". A expedição sofreu uma baixa razoável de 48 praças.

Tal episódio ocorrera antes da foz do rio *Cachorro*, já que em seguida faz menção ao percurso até aquele ponto e a uma entrada que ali fizeram, sendo que o "tuxaua e os seus

³⁶ - Canção, *Mãe Cachoeira*, de Mimi Viana, morador da comunidade negra da Boa Vista, rio Trombetas.

³⁷ - João Maximiano de Souza. O Trombetas.

Mundurucu nenhum vestígio encontraram de existir por esse lado mucambo algum. Informarão elles, que no rio *caxorro* (sic) à margem direita, existe um sobrado com 10 janelas na fachada, mas sem uma só porta".

Já adoentados, Maximiano, o tenente Gentil, e o que restou de sua tropa, chegaram ao Mocambo Maravilha, que ficava numa ilha com este nome, dado pelos negros. Todavia, ali não existia mais mocambeiros, pois, avisados por seus companheiros haviam fugido, e, antes, tiveram a "preocupação de incendiarem as casas e destruirão o que não puderam conduzir. Fugiram em dezoito canoas, que tantas eram as que ali existirão em termos de navegar, como informou o prisioneiro Benedito".

Embora os Mundurucu tenham perseguido aqueles quilombolas, não conseguiram alcançá-los, encontrando no entanto, com gentios, "uns de cor alva e barbados e outros de cor abronzado e cabellos crespos". Segundo o mocambeiro Benedito, esses índios estavam sempre em contato com os negros quilombolas e negociavam com os "comerciantes ou mascates de Demerara", e com certeza devem tê-los auxiliado na fuga. Os negros se estabeleceram acima do Maravilha, na cachoeira *Campiche*. Sem êxito e com o restante da tropa atacado "de febres de mau caracter", acabaram por perder o guia Benedito, que se aproveitando "de uma noite de temporal, da confusão em que estavam os guardas evadiu-se". Assim, doentes enfrentando temporal, por ser tempo de inverno, regressaram e, na descida, ao passar uma das cachoeiras ficaram sem "três canoas, que se quebrarão, perdendo-se correames, armamentos e munição que ellas trazião".

São significativos os últimos parágrafos do relatório de João Maximiano de Souza por apresentarem uma dimensão do significado da derrota sofrida, das perspectivas de luta contra os mocambeiros e das saídas possíveis de enfrentamento de forma mais eficaz. Diz ele: "É minha opinião, que os negros quilombolas hão de sempre zombar da força pública que alli for para batel-os, pelos muitos recursos naturaes que lhes presta o terreno, quasi inacessivel e pestilento, concorrendo também efficazmente a alliança em que estão com os gentios, sendo-lhes, por isso facillimo transportarem-se guiados por aquelles centros. Operada a catechese dos gentios ficarão então os negros isolados e desprotegidos desse auxilio vantajoso. Assim terminou aquella diligência vindo a morrer de molestia alli adquirida um terço da tropa que seguio a bater o quilombo do Trombetas".

Depois dessa expedição, não se tem conhecimento de outras ao rio Trombetas, onde, em 1867, frei Carmello Mazzarino esteve, mas não com o objetivo explícito de combater os mocambeiros. Procurava desenvolver uma ação catequética junto aos índios e mocambeiros daquele rio. Este religioso fala em trinta mortos na última expedição realizada ao Trombetas, provavelmente a de Maximiano. "Os mocambeiros poderiam ter massacrado toda a força, se tivessem querido". É o que afirmaram alguns quilombolas que ali viveram, em depoimento a O. Derby, em 1876.⁽³⁸⁾ No entanto, preferiram a tática da fuga, levando tudo o que podiam, em alguns casos destruindo o que restava.

Tática que parece ter dado resultado, já que outras diligências não se atreveram a superar as cachoeiras do Trombetas para alcançarem os mocambos que estavam além delas. Razão pela qual muitos "pretos têm-se mudado para um pouco mais rio abaixo, e alguns mesmos descartando-se a proteção das cachoeiras e estabelecendo nas margens dos lagos abaixo destas, com o fim de obter maior facilidade para o commércio clandestino, que mantém com Obidos, e talvez também para dar aviso em caso de perigo. Aquelles que vem até a parte inferior do rio tem quasi segura a sua liberdade e alguns entretem relações mesmo com seus antigos senhores"⁽³⁹⁾.

No verão de 1876, alarmados pela destruição do quilombo do Curuá, aqueles do Trombetas retiraram-se temporariamente para uma posição mais segura, onde fizeram suas roças "numa restinga que fica entre o rio Trombetas e o rio Faro que deságua na primeira cachoeira chamada Porteira, restinga esta situada de tal modo que d'ella ninguém se pode aproximar sem atravessar uma cachoeira muito perigosa, que dá muito tempo para elles fugirem. Na realidade sem o auxílio de um quilombola para guiar, poucos ousariam tentar atravessar a cachoeira". Aliás, todas as expedições que conseguiram chegar aos quilombos tiveram por guia um quilombola ou um nativo que tinha o domínio sobre aquele meio am-

38 - DERBY, Oliver A. *O Rio Trombetas*. In HART, C. H.; SMITH, H. e DERBY, O. *Trabalhos restantes inéditos da Comissão Geológica do Brasil - 1875 -1878*. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Tomo II, fasc. 1-4, 1897-1898.

³⁹ - O. Derby. *O Trombetas*. p. 369-370.

biente, ou que tinha vivido entre nos mocambos.⁽⁴⁰⁾

Baixar para as "águas mortas" dos rios era o início do retorno. Os mocambeiros começavam a deixar as "águas bravas" para se estabelecerem no lado manso, diante da "certeza que elles tem de não serem perseguidos nos seus quilombos"⁽⁴¹⁾.

No seu cotidiano, os mocambeiros construíram a sua resistência inserindo-se ao meio ambiente, tirando desse não apenas o seu sustento, mas também algumas estratégias de luta. Acionando sua rede de relacionamentos, integraram-se ao mercado local, ocupando um espaço significativa na produção extrativista, sobretudo na de castanha e óleos vegetais, o que lhes garantia uma relativa autonomia.

Autonomia que contribuiu, em especial nas últimas décadas da escravidão, para uma afluência maior de escravos aos quilombos, acentuando a crise de um sistema combalido e uma agricultura que nunca chegou a ser auto-suficiente. Uma situação que já vinha de algum tempo. "Fazendeiros teem-me comunicado o estado anormal, em que a existência conhecida de taes quilombos os tem collocado, impossibilitando a disciplina pelo fundado receio da fuga e acoutamento certo nesses lugares, onde os fugitivos encontrão segurança contra qualquer tentativa de apprehensão. No estado de penúria de braços em que se acha a agricultura, esta causa agrava profundamente o mal não só pela privação dos que se evadem, como pela falta de disciplina dos que conservão, sempre indolentes e ameaçadores"⁽⁴²⁾.

Eram os mocambos afetando o sistema escravista. Não só pelo fato de serem o lugar de refúgio, mas porque davam ao escravo mecanismos de pressão e influência na sua relação com o senhor. A ameaça de fuga, significava para o cativo uma estratégia para ampliar o seu espaço de negociações e garantia de conquistas. Mesmo não estando no mocambo, o elemento cativo sabia se valer deste, na sua luta cotidiana para conseguir e manter alguns direitos conseguidos.

"Não se pode precisar", "não se sabe o lugar certo", "foram batidos mas mudarão para outros lugares", são frases comuns aos relatórios e ofícios trocados entre as diversas autoridades do Baixo Amazonas e o Governo Provincial, o que aponta para a incapacidade das autoridades governamentais porem fim a essas sociedades.

A expedição fracassou, foi a primeira e a última que atacou os mocambeiros do Trombetas, como pode ser visto na fala de seu comandante, no entanto a partir dela pode se desenhar o mapa dos mocambos no rio Trombetas, somado a outras narrativas

Os quilombos podiam ser destruídos, os quilombolas não. Assim como as árvores que têm seus troncos decepados, mas mantendo as raízes, brotam novamente; ou como as sementes, que levadas pelos pássaros e rios nascem em outras paragens, com a mesma qualidade, os mocambos nasciam e renasciam com o mesmo ideal de liberdade em outros cantos das matas, lagos e rios.

5 - AS MARCAS DO CAMINHO

No caminho para as águas bravas as marcas dos mocambeiros foram ficando ao longo das margens do rio Trombetas, nos nomes dados às cachoeiras, ilhas, lagos e igarapés. Localidades onde se constituíram pequenos quilombos que serviam de apoio e alerta para as comunidades quilombolas maiores estabelecidas próximo à cachoeira Porteira e nas áreas acima desta. "Infelizmente, Codreau em seu livro trocou os nomes de algumas cachoeiras dados pelos mucambeiros e únicos conhecidos no município."⁽⁴³⁾

Com base na documentação consultada, nos relatos de viajantes e em depoimentos dos remanescentes, foi possível pontilhar o trajeto dos quilombolas durante a fuga, que chegaram ao máximo no Trombetas, na cachoeira *Campiche* e igarapé *Poana*.

É verdade que os principais mocambos estavam nos altos dos rios, em trechos navegáveis, acima das cachoeiras. No entanto, abaixo destas, nos igarapés e nos lagos como Mocambo, Conceição, Macaxeira, Abui, Jacaré, Tapagem, Erepecú (Arepecu) e Moura, havia quilombos menores, antigos locais de reunião de mocambeiros, que poderiam servir de apoio,

⁴⁰ - Ibid

⁴¹ - APEP. Ofício do Subdelegado de Óbidos, Pedro Auzier, 14-01-1854.

⁴² - João da Silva Cerrão. Discurso de abertura da Sessão Extraordinária da Assembléia Legislativa Provincial. 7-04-1858

⁴³ DUCKE, Adolpho. *Explorações Científica no Estado do Pará*. In *Boletim do MPEG*. Vol. 7, 1909. P.159

tanto para fuga e comércio com os regatões, quanto para a resistência, sobrevivência e reprodução daqueles sociedades situadas nas águas bravas, haja visto que muitos destes lagos são interligados e os “caminhos”, só podem ser percorridos por aqueles que são “Mestres” como é o caso dos “mocambistas”. Segundo Derby, “o lago de Arapicú diz-se que comunica no inverno (tempo da cheia) pelo lado de cima com um braço do lago Jacaré, parecendo que os dois juntos formam um antigo canal do rio separado actualmente por uma zona importante de terras elevadas, nas quaes existem diversos lagos. Refere-se também que elle recebe um igarapé de tamanho considerável.”⁽⁴⁴⁾. Por onde provavelmente se comunica com o rio Erepecurú.

Significativo é o nome da primeira cachoeira do Trombetas, batizada pelo missionário franciscano, Mazzarino, de *São Miguel Arcanjo*, anjo guerreiro anunciador que simbolizava a luta desses religiosos contra o paganismo, a selvageria e a barbárie dos nativos. Ao atravessá-la, os negros batizaram-na com o nome de *Porteira*, marca do início de um espaço onde apenas seus donos podiam entrar, mocambeiros e nativos da região - *vide anexo 3*.

Segundo Barbosa Rodrigues, quando ele saiu na mata acima daquela cachoeira, “por ella descia uma canoa tripolada por mocambistas, que ouvindo alguns tiros, que davam meus companheiros na cachoeira, vinham saber o que significava, como senhores do rio vinham ver quem ousava transpor os seus domínios”⁽⁴⁵⁾.

Atravessando a *Porteira* e, com *Paciência* e muita briga, o *Inferno*, chegava-se ao lugar onde ser livre era possível - *Maravilha*. Este era o nome do local em que os mocambeiros se estabeleceram no Trombetas, uma ilha acima da cachoeira Mina. Um lugar cuja posição “não podia ser mais bem escolhida e o ponto mais estratégico”, diz João Maximiano de Souza.⁽⁴⁶⁾ Maravilhas que Henry Codreau não conseguiu ver, “o mocambo era situado na margem esquerda perto de um igarapé [...] no pé de uma cachoeira de mais ou menos dois metros de nivelamento, atrás de uma pequena ilha, num baixio, nas base de uma região montanhosa. Se isso se considera do ponto de vista da insalubridade o local é bem escolhido”⁽⁴⁷⁾.

Segundo o Sr. Donga, “*Lá eles viviam felizes, não tinha quase maldade nenhuma, senão era festa que eles faziam, aquelas festas de bandeiras, de caixa, de santos [...]. Faziam aquelas festas por lá. Era uma cidade que não era lumiada com luz elétrica [...] era fogo de candeia, fogo de fogueira, pelos dias dos santos faziam aquelas fogueiras grandes, alumivavam o terreiro. Faziam aquelas luminárias de paus aí eles colocavam as candeias de barro, com 4 bicos, naquele mourão, com banha de pirarucu, óleo de castanha, com esses óleos assim. Aquilo lumiava a noite inteira as festas deles e aquilo era uma maravilha lá.*”⁽⁴⁸⁾ São aspectos como esses, permitindo uma “vida tranqüila”, que fazem com que no imaginário dos descendentes, o mocambo pareça uma “terra sem males”, a “cidade Maravilha”

No início de 1867, foi preso Basílio Antônio, mocambeiro do Turuna, que se encontrava no Curuá “districto de Allenquer, para onde havia descido com seu companheiro Feliciano, que já tinha retornado para o mocambo”. No ato do interrogatório Basílio deu referências de seus companheiros do quilombo Maravilha, que depois do ataque das tropas do governo refugiaram-se no Turuna.⁽⁴⁹⁾ Um momento que está nas falas dos narradores, entre eles Rafael Printz e Donga. Segundo eles, os mocambeiros chegaram até o Campiche e o Turuna Dali teriam posteriormente para *Poana*, “onde os homens não chegaram mais”⁽⁵⁰⁾.

No Campiche nasceram pais, avós e viveram os bisavós de muitos dos depoentes. Como diz D. Rosa moradora do Sagrado, que nasceu no lugar Coroá, em frente a boca do rio Cachorro, e a bisavó chamava-se “*Maria Dominga ela foi ter minha avó no tal Turuna. A minha bisavó veio corrida da escravidão, e teve a minha avó para lá. E depois eles vieram baixando*”.

Avó do meu pai, nasceu nesse Campiche... Ela falava que quando eles vieram eles subiram aqui nesse rio e foram pras cachoeiras, se esconde dos brancos e de lá a cidade que eles faziam as compras era Óbidos...Ainda me lembro que ela falava que lá eles faziam

44 - Derby, P. 373

45 - João Barbosa Rodrigues. Rio Trombetas. In: *Exploração e estudo do valle do Amazonas*. p. 23/24. Trata-se de um relatório apresentado ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

46 - João Maximiano de Souza.

47 - CODREAU, O. *Voyage au Trombetas*. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1900. p. 67.

48 - Donga, entrevista julho de 1993.

49 - Cartório do 2º Ofício de Santarém. Autos Cíveis de Arrecadação do escravo Antonio Basílio. 10-09-1867.

50 - Donga, entrevista de julho de 1993.

feira. , uma festa de Nossa Senhora da Conceição. Ela cresceu morano nesse Campiche, diz D. Luzia Clemente dos Santos, moradora do Juquiri Grande.

Daí começou a volta, para o lado abaixo da cachoeira Porteira. Uma baixada mesmo antes do fim da escravidão. Senhores do rio. Quando eles vieram, descendo, então eles vieram começando explorar a margem baixa do rio, como bem, explorando a castanha, explorando o cacau, todo o negro vieram fazendo isso aí, explorando castanha, afirma o Sr Rafael, do Abui, com 80 anos.

Segundo Barbosa Rodrigues, por ocasião de sua estadia em Óbidos, em 1875, os mocambeiros "depois da subida do missionário e vendo que impunes aportavam às povoações começaram a vir, até de dia, em face das autoridades às povoações, onde não só compram e vendem, como trazem seus filhos ao baptismo na freguesia ousadamente declarando que são mocambistas. Diversas canoas delles vi de dia estacionadas no porto de Óbidos; vi alguns levarem os filhos ao baptismo, assim como em minha casa alguns estiveram de dia. Já não admira vel-os desembarcar de dia, o que mais admira é ver elles encontrarem-se com os senhores, pedir-lhes a bênção e retirarem-se tranqüillos, sientes os senhores do dia e hora da partida"⁽⁵¹⁾.

Segundo Maximiano de Souza, "os quilombolas em certa quadra do anno veem estacionar no lago, formado pelo Cuminá, para pescar pirayba e fazerem grande salga, para a alimentação no tempo em que escasseia o pescado miúdo e caça"⁽⁵²⁾. Tempo de salga é tempo de festa.

Era também a foz do "Erepecu", o porto de reunião dos regatões "que ahi vão annualmente nos meses de fevereiro e abril comprarem o produto do trabalho dos mocambistas" ⁽⁵³⁾

Um retrato dessa ocupação é dado por O. DERBY, segundo o qual "Actualmente a população do Trombetas está muito espalhada. Até ao logo *Arapicú* há alguns sítios dispersos de brancos e tapuios, sendo aquelles principalmente negociantes que commerciam em castanhas. Entre este ponto e as cachoeiras vivem alguns negros em diversos pontos ao longo do rio até o aldeamento principal que está situado a uma distância de alguns dias de viagem acima da primeira cachoeira. Nos mezes de outubro e novembro muita gente da parte baixa do rio e mesmo do Amazonas, dirige-se as praias de arêa, que ficam immediatamente abaixo das cachoeiras com o fim de apanhar tartarugas e ovos de tartarugas, ao passo que pouco tempo depois, esta mesma região fica cheia de colledores de castanhas. O castanheiro brasileiro é excessivamente abundante no rio e nos lagos desde as cahoeiras rio abaixo até o lago Arapicú, e exporta-se todos os annos grande quantidade de castanhas."

Sem dúvida essa ocupação gerou um desconforto para as autoridades locais, em particular de Óbidos, em razão da presença e significado dos mocambos, embora depois de 1855 nunca mais tenham sido atacados, e o comércio "clandestino" praticado pelos regatões, que exigiu providências provavelmente no sentido de intensificara a fiscalização nessa área. Em 1871 por exemplo, a Câmara de Óbidos "Officiou os fiscais nomeados André Avelino do Amaral para o rio Trombetas e Lago do Arapecú; Ângelo José Valle para o rio Trombetas e lago Carimã; Thomas Benedito Nunes para o rio Trombetas e lago Urapicu e Martinho de azevedo para o Paranamiry de Baixo".⁽⁵⁴⁾

Em 1873, diante da persistência da situação, a Câmara envia um ofício ao Governo da Província propondo a criação de novos districtos "A grande estenção que tem o districto desta cidade no rio Trombetas e lago Sapuacá faz-se necessário ali a divisão da districto com subdelegacia especialmente no Trombetas onde o districto se estende a mais de trinta léguas ficando por essa forma fora do alcance das authoridades; criminozos que por lá se vão horrorizar, nem só desse districto, como de outros, convindo serem as divisões do districto . Convindo sobre todo fundar uma fregesia no lugar denominado Urua = Tapera com invocação de Santa Philomena, na divisão do districto acima mencionado. Ato que foi concretizado."⁽⁵⁵⁾

Em 28 de setembro de 1890, chegou a Uruá-Tapera Gonçalves Tocantins, uma "florescente povoação à margem esquerda do Trombetas, que poucos annos antes havia sido fundada pelo Padre Nicolino (dez. 1877) (...) alma verdadeiramente christã, se havia feito

⁵¹ - João Barbosa Rodrigues. Rio Trombetas. p. 27.

⁵² - Maximiano de Souza. O rio Trombetas

⁵³ - João Barbosa Rodrigues. Rio Trombetas. p. 16.

⁵⁴-Câmara de Óbidos.Livro de Acta da Sessão Ordinária de 17-17-1871-P 124

⁵⁵ Câmara de Óbidos. Livro de Atas da Câmara. Officio enviado ao Presidente da Província do Pará - 22 - 07-1873. P. 96 e 97 .

espontaneamente um missionário, um apóstolo daquela pobre gente. Imagine-se com quanto alvoroço aqueles infelizes recebiam o ministro Redemptor, que ia procurá-los nos desertos, baptisar-lhes os filhos, celebrar missa, casamento, e levar-lhes palavras de conforto e consolação. ⁽⁵⁶⁾

Dois ideais empolgaram a vida do Pe. Nicolino: “A pacificação e cristianização dos pretos mocambeiros dos rios Trombetas e Erepecurú e a catequese entre os índios. Para alcançar estes fins, empreendeu várias viagens por estes rios. Assim o vemos em 1876 em Porteira, no alto Trombetas, catequizando e batizando grande número de pretos daquela região. Faleceu 1882, no rio Erepecurú, quando fazia sua terceira viagem a essa região. “Pode-se dizer que dos seus dois ideais, somente conseguiu realizar um - a catequese entre os mocambeiros daqueles rios.” Parece que o referido padre seguiu, e concretizou as orientações do franciscano Mazarino. ⁽⁵⁷⁾

Se num primeiro momento o espaço de liberdade estava acima das primeiras cachoeiras, num segundo momento, a concretude dessa liberdade se dá do lado de baixo. Ou seja, antes do fim da escravidão, mesmo durante a guerra contra os quilombos, as comunidades mocambeiras já faziam parte do cenário do rio manso. Tapagem, Abui, Jacaré, Mãe Cué, Juquiri, Erepecú e Moura, já estavam fundadas ali desde meados do século XIX. Todas visitadas por padre Nicolino e pelos Codreau (Henri e Otile) na virada do século XIX para o XX. Formadas por mocambeiros, ou se preferirem ex-mocambeiros, e seus descendentes.

Mocambos que, ao longo de sua existência, foram visitados por religiosos, viajantes e pesquisadores, o que demonstra, muito claramente, que mesmo considerados uma “praga” a ser combatida, gozavam de uma legitimidade, inseridos no contexto local e tão “industriosos como o resto da gente do Amazonas”, ⁽⁵⁸⁾ com cultura própria e uma organização sócio-econômica como qualquer sociedade “civilizada”.

Nesse sentido, “do Mocambo ‘paragem deserçada, escondida’, às Comunidades de hoje, ‘lugar de fartura e trabalho’, o caminho percorrido pelos negros foi de criação de direitos. O direito sobre a terra historicamente conquistado. O direito sobre a sua especificidade negra, raiz profunda de sua cultura. O direito de reproduzir seu modo de vida agrícola e extrativo, sobre as bases de territorialidade concedida, com manejo ecológico traduzido pela preservação atestado nos duzentos anos de existência no Lugar.

Qualquer medida de ordem administrativa que possa vir a incidir sobre as comunidades negras (Trombetas, Erepecuru e Cuminá), por órgãos do governo (Secretaria de Estado de Saúde pública, em particular), pela ALCOA S/A, dever precedida de consulta aos seus legítimos interlocutores, representados pela Associação de Comunidades de Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná..”⁽⁵⁹⁾

Alfredo Bosi em “O Ser e o Tempo na Poesia”, diz “O que há de inexaurível no espírito de um grande historiador vem de sua capacidade de pôr-se à escuta das águas que jorram do passado e que a memória faz irromper no presente. Essas águas podem crescer ou minguar, dependem dos climas instáveis da cultura, mas no coração de quem se dispõem a ouvi-las, não secam jamais.” ⁽⁶⁰⁾

Assim, seguindo o caminho, e o barulho das águas, torna-se salutar ouvir um pouco mais as histórias das, e sobre as, comunidades negras secularmente constituídas no alto Trombetas.

56 Revista da Sociedade de Estudos Paraenses - Rio Cuminá - Recordações Gonçalves Tocantins Diário Oficial do Pará - N.º 1014 2-12-894 P 402.

57 O Cinquentenário da Prelazia de Santarém - 1903-1953. Apontamentos publicados pela Cúria Prelazia em colaboração com os Padres Franciscanos de Santarém. Santarém - PA, 1953

58 - DERBY, O p. 370

59 - MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo (cord.) e CASTRO, Edna Maria Ramos de. “Estudos de Comunidades Negras do Município de Oriximiná Sob Impacto de Projetos Desenvolvimentistas.” Belém: NAEA/UFPA, nov. 1990. p 173 e 175.

60 - BOSI, Alfredo. O Ser e o Tempo na Poesia.

6 - AS COMUNIDADES

Nas várias narrativas estão a descrição e a constituição dessas comunidades, enquanto forma de resistência ao processo de exclusão, dando um sentido de continuidade à luta pela liberdade empreendida pelos ancestrais.

Se os olhares dos visitantes, que estão documentados nos registros de suas viagens, chegaram através da oralidade aos nossos narradores, como a viagem dos Codreau, a passagem da Comissão Demarcadora de Fronteiras (1934), foi vivenciada pelos depoentes mais idosos, que juntamente com os seus filhos e netos participaram de momentos de enfrentamentos, quando da chegada da mineração e da política ambientalista, representada pela floresta nacional e reserva biológica, implementadas pelo então IBDF. Conheceram ações repressivas e expulsão de suas terras. Uma expulsão que incomodou os moradores daquelas comunidades, onde muitas famílias teimaram em ficar.

CARLOS PRINTZ, 37 anos, morador do Abui diz: *“Quando os meus antepassados, os meus avós, eles contavam que o quilombo antes era até chamado de mocambo. Então era um lugar onde o povo vivia junto reunido. E lá eles viviam em comum, onde só viviam mesmo só os remanescentes, aquele povo sofrido. Viviam morando lá. Então, diz que significava Quilombo. Ai teve a história de que teve vários quilombo ai pro alto Trombetas, ai pelas cachoeiras. Ai depois que eles já estavam libertos, foram descendo o rio e foram morando nesses lugares, onde nós estamos morando agora. É no Abui, é na Tapagem, no Paranã, essas comunidades que hoje em dia temos. Então foi assim, segundo eles falou prá gente, que começou essa história.”*

Vejam um pouco mais das histórias dessas comunidades.

6.1 - MOURA

Antes da viagem de Barbosa Rodrigues ao Trombetas, duas outras expedições haviam adentrado esse rio. Uma delas chegou até o lago Mura. Segundo este, “a duas milhas da foz do Paracú, seguindo sempre pela mesma margem, chegamos ao lago Caypurú, que não é mais do que uma profunda enseada, que ahi faz o rio para o leste, habitada por três famílias de mocambistas.” Na margem oposta, a 16 milhas do lago Batata, fica o ponto deste rio, até onde chegou, há annos o vapor Monarcha commandado pelo capitão tenente Parahybuna dos Reis, único que o explorou até ahi. ⁽⁶¹⁾

É denominado “lago MURA, ou dos Muras, por ter ahi, em tempos idos, havido uma maloca dos mesmos gentios.”

D’ahi para cima, só o aventureiro regatão se animava a subir, não levando contudo longe o seu itinerário depois que o frei Mazarino foi levar a religião ao mucambo.” ⁽⁶²⁾

No Moura conversamos com Alberto Rogério Constantino, de agrado Lúcio Macaxeira. 81 anos, nascido ali mesmo, filho de Nicolina Pereira de Jesus e Maciel Constantino Pereira de Jesus. Neto de Margarida Pereira de Jesus e João Paulo Pereira de Jesus. *“Eles eram daí de fora. Vinheram prá cá corridos no tempo da cabanagem. Tudo isso por aqui era índio que vivia e a prova é que em todas essa terra preta por aí você encontrava figura de índio, daí eles pegaram de veras e vieram entrando, aí os índios também foram se afastando, foram carregando aí prá cima e eles vieram entrando e ficando.”* Além de Margarida *“tinha a velha Emília, velha Brígida, velha Liôncia, velha Tomázia, isso tudo era dos tempos antigos, a velha Cirila também era desse tempo da Cabanagem.”*

E aqui tinha festa? *“Tinha sim senhô. Está aqui eu tenho a santa, olhe essa santa era da minha vô veio para a, Senhora de Nazaré. Que os índios afastaram daqui, eles jogavam veneno na água que a febre dava numa hora dessa quando era de manhã entrava de pé prá frente caia todos os cabelos, ela fez uma promessa, essa minha avó, com essa santa que está aqui até hoje.(...) Eu era ainda pixotinho mais ainda mim lembro bem, ela começou a manter, mandou buscar essa santa, também graças a Deus paralisou a família e todo o povo em gerá aí ela mandou fazer essa festa.”*

Nas Festas vamos encontrando outros elos entre o presente e o passado. Elas constituem lugares de memórias; são continuadas pelos descendentes que assumem o cargo de protetor do Santo, uma prática iniciada por seus avós ou bisavós.

61 Barbosa Rodrigues P. 11

62 Idem P. 16

O Sr. Lúcio não se limita a fala das festas no Moura, remete a outros festejos como no Abui, onde o padroeiro é São Benedito, *“o mais velho era aí na Tapagem, São Sebastião. E Santo Antônio festejado por Sr. Antônio Macaxeira no Jamari.*

Foi casado com Maria Nicolina de Souza, já falecida, natural do Erepecú. Aí percebe-se um outro elemento significativo que envolve essas comunidades, o laço de parentesco, constituindo um ramo só, fortalecido pelo deslocamento populacional pelas diversas comunidades negras do rio Trombetas, pelo compadrio e outras formas de solidariedade.

Na narrativa desse depoente encontramos os fios de uma luta constante que marcou as comunidades remanescentes do Alto Trombetas, a ameaça de tomar suas terras. Prática dos “coroné”, em especial, *Raimundo Costa Lima, um português.* Sua fala remete a enfrentamentos ocorridos com esse senhor, e outros semelhantes, não só em relação ao Moura mas também, a outras comunidades como o Abui.

No Moura vive Maria do Carmo Colé Viana, 40 anos, filha de Rafael Printz e Rosa Colé, que iremos encontrar lá no Abui. Veio para cá, por ter se casado com José Lopes dos Santos, que é natural dessa comunidade. Vivem da pesca e da roça e, também, do trabalho na mineração. Segundo ela os moradores mais antigos dali são: *“seu Osvaldo Santana, a mãe dele (Marcelina Santana) que era uma negra e exerceu assim muitos anos nessa comunidade, a D. Nilda e tem a D. Esperança, também, que é a senhora mais antiga.”*

Conversando com Mário Santos de Jesus, 48 anos, natural do Moura assim com os seus pais, Josino Pereira de Jesus e Inês Valéria dos Santos, outras famílias antigas vão surgindo, com as de: Lúcio Macaxeira, Didio Macaxeira, Persivaldo Santana. Somos parentes do Antônio Macaxeira lá do Jamari. E ainda, velha Nilda, Esperança, Roxinha, Lídia Siqueira, Duruca Régis, Armerindo Pereira de Jesus. *“O mais velho que eu conheci aqui foi o velho Conceição, que morreu com 80 anos, há uns dois anos.”* Festa? A de *Senhora de Nazaré. Os protetores da Santa eram: o finado meu pai, Jozino, era Lúcio Macaxeira, era Didio Macaxeira, era os donos da festa. A santa era da minha avó Maria Caetana Pereira de Jesus, que nasceu aqui no Moura.* Veja que a Santa já estava com a terceira geração de protetores.

Dona Maria Nicolina, a D. Esperança, mãe de D. Roxinha (74 ano) cujo nome é Herminia Nicolino de Souza, está hoje com 95 anos. Filha de Moacir Nicolino de Sousa e Jenoveva Nicolina de Souza, nascida *“pro Mucura”*. Veio há muitos anos para o Moura onde os mais velhos que conheceu foram: *“Marculino, Caetana, Margarida mãe do Jozino, pai do Mário, era uma porção de gente.” “Eu não tinha marido, eu tinha uma costela comigo, ele chamava Vito Ramos e era daqui mesmo do Moura. Tirei muita castanha no Erepecú.*

6.2 - EREPECÚ ou ARIPECÚ

Três milhas acima, (do MURA) “apresenta-se na margem esquerda a pittoresca foz do lago ARIPECÚ, (Erepecú) com meia milha de largura ornada a ponta leste com um lindo jauarisal, no meio da qual um banco de areia, impede a entrada do lago a grandes vapores, sem prático, que não conheça o canal. A estratégia ao escolher o local, defesa, proteção, ser bom prático, conhecer os caminhos. Tem de largura este lago 2 milhas pouco mais ou menos...É este muito abundante de castanhas que cresce não só nas terras firmas como nas ilhas. É o ponto de reunião dos regatões, que ahi vão annualmente nos mezes de fevereiro a abril, comprarem o producto do trabalho dos mocambistas, que nesse tempo descem das cachoeiras, como trabalharem no apanho das mesmas castanhas para elles, pagam com ninharias os gêneros por preços fabulosos.”⁽⁶³⁾

Ai vive Germano Régis, 71 anos. Nasceu nesse lago, filho de Manuel Régis e Cecília Fernandes da Costa. As primeiras famílias, as mais antiga, de que tem informação são as de: Juca e Ventuinha e as senhoras mães deles, *“aquelas que tinha mais de um século, elas chamavam Brigida, Tomázia e Emília, eram negras ... Era um lugar pouco habitado, mas em tempo de safra entrava para tirar safra de castanha, e entrava muita gente. Quando terminava a safra saiam todos. Eram poucos os moradores que ficavam.”* Além das castanha, extraem o breu e leite de copirana.

“As festas era de pau e corda, nós que fazíamos os nosso instrumentos, e a festa era animada, a luz era iluminada com uma candeia feita de umas panelinhas de barro, eles tirava banha de castanha, de andiroba, propriamente praquilo.” Festa de ramada - era muita

festa, Deus me livre. Dança - mazuca, landú, quadrilha, marcha, samba. Ali a padroeira é Santa Maria Aparecida.

Uma das queixas de Sr. Germano como da maioria dos depoentes refere-se às ações do, então, IBDF que segundo ele: *“Trouxe uma formalidade mais comprimida pra nós, comprimida mesmo, que nós andamos correndo, se escondendo, pois o negócio tava feio. Agora tá mais moderado. Mas logo que chegou, não chegou fácil, não podia nem mais usar uma rede pra pega a bóia, porque se encontrasse a gente tomava tudo.”*

A sua irmã Tereza Fernandes Régis, 71 anos, que também nasceu no Erepecú, neta de Maria Santana Fernandes, trabalha com a castanha. Com o IBAMA, *“A gente passou meio ruim, que em casa até cansei de esconder a panela com comida. A gente tava cozinhando né e aí a gente se escondia, umas diversas vezes, porque muitas vezes era carne de caça, e não queria que a gente matasse. Mas a gente tinha que cume, eu ficava sempre escondendo lá em casa. Mas graças a Deus, como o irmão falou, melhorou mais prá nós e agora estamos mais tranqüilo.”*

Mais uma vez a figura dos “Patrões”, Manuel Costa Lima; Machado e Sr. Guimarães, antes do IBDF, *“Se diziam proprietários, teve muita gente presa. Por isso não podíamos nem tirar uma castanha enquanto não falasse com cada um, cada um de nós tinha uma colocação, uns lá no Belo ou na Santa Rosa, depois foram tomando conta de tudo, aí ficou comum, e pode entra, tira e mete a mão aonde a gente quiser, não tem mais dono acabou-se as casas que representava.”*

Por sua vez, Manoel Fernandes Régis, 56 anos, irmão de Tereza e Germano, casado com Francisca dos Santos Régis, lá do Bacabal, diz que: *“Muitos vieram esconder prá cá do nosso lado, por esse lago ou pro rio. São as pessoas que deixou essas galhos que nos também participamos ... Que nós tamo passando, que antes quando tinha os proprietários, que era os donos dos castanhais, que sempre tinha dono, e era sempre a mesma humilhação. Daí pra nós até vende uma caixa de castanha se quisesse para outro, tinha que vende bem com cuidado por que se o patrão soubesse ainda era o xadrez. Da minha época pra cá, tinha uns morador aí que quando o IBDF chegou trouxe a onça prá eles saí. Tinha o Aguinaldo, o Pinto e mais outros aí, saíram com medo do IBDF. Quando ele veio aqui, veio humilhando todo mundo dizendo que vinha até a federal prá mata, faze isso, e todo mundo correu. Só quem não correu mesmo foi esses que estão aqui que é o Germano, eu, minha mãe, que faleceu, minhas irmãs e alguns moradores e o Raimundinho, também, que ainda está.”*

Na fala de Ibenor Ferreira Pimentel, 59 anos, filho de Moacir Pimentel e Amélia Guerreira, nasceu no Erepecú, no barracão chamado Fatura, vamos encontrar um “ramo”que remete às terras do Curuá de Alenquer de onde era o seu pai. Seus avós chamavam-se: Viturino Pimentel e Clotilde Guerreira. *“O meu avô e minha bisavó eles vinheram até fugidos da escravidão. De lá eles vinheram fugido com aqueles senhores que os humilhavam e vieram prum barraco bem aqui, que chamava Barrero, bem aqui. Aliás não, eu sei que eles foram localizados aqui numa parada chamada Primor e foi lá no Primor que eles baixaram e aí foram o final deles e aí eles se acabaram . O Primor fica no Aripecú.”*

No Erepecú encontramos João Souza Figueredo - Pinduca, 59 anos. O seu referencial dos mocambos não é o Trombetas e sim o rio Erepecurú, onde nasceu num lugar chamado Porteira. Filho de Leonor Souza Santos e Manuel Figueredo. Avós Maria do Rosário Conceição e Bazílio *“vieram, bem dizer de encomenda, no tempo da escravidão. Eles andavam corrido e então se socaram dentro do Erepecurú e fazia plantio. Hoje em dia ainda tem muito plantio, pelo menos cacau, que eles faziam cacual, alambique, ainda cansei de ver, tudo isso, era feito pro lá, que eles faziam roça. Tudo isso minha avó cansou de contá. Era ela, Candeia, Micaela, Sofia, Figêna, tudo isso era nome dos antigos né, que moravam lá, mas eu só conheci minha vó. Conheci também o finado Anjo (Ângelo) com a Mafalda, era a mulher dele. Agora esses outros já era a minha avó que me dizia o nome deles. Raimundo Lotério era o irmão que morreu com 125 anos, ela morreu com 100 anos. Aquele Raimundo Lotério, eles me contavam muitas coisas do rio Erepecurú, quando eles andavam tudo corrido, tudo arribado, assim como hoje em dia nós vive tudo corrido por aqui do IBAMA, aqui nós temos medo que quando a gente é pego aqui, no meio do rio, é aquela confusão doida, tomam tudo, e a gente fica voando, o pobre já não tem nada, e quem tem fica tomado. De que ele vai vivê. Que eu mesmo num so natural daqui, mas uma coisa também acho esquisito por aqui que o IBAMA entrou piorou muitas coisas. Judiaram muito dos parceiros, coitados. Tinha deles que tirava até a comida das panelas, jogava fora, ficava criança chorando aí com fome. E não era só criança, como os grandes também. Era um sentimento prá todos nós. Eu peço a Deus que ajude a ARQMO pra nós conseguí o documento dessas terra aqui, por que lá onde eu*

nasci, parece que já conseguiram, eu já soube que conseguiram o documento, e aqui eu peço a Deus que ajude essas pessoas que nos ajuda prá adquirir este documento, e depois que nós tiver o documento, pode ser que as coisa melhorem de vez prá nós.”

Por fim conversamos com Raimundo Dias da Silva, 66 anos, filho de Manuel Vicente da Silva e Rosa Dias da Silva. Chegou no Erepecú em 1954, quando tinha 12 anos.

Ao que tudo indica, o Erepecú continua a ser o lugar onde os parceiros se encontram.

“O rio do Aripecú para cima, começa a ser habitado pelos que ahi tem suas palhoças, para passarem o tempo da colheita da castanha dahi para cima torna-se mais animado pela constante presença de montarias dos mesmos, cruzando o rio, sahindo dos lagos ou nelles entrando.⁽⁶⁴⁾ É bom lembrar que os mocambeiros baixavam para trabalhar para os “patrões” certos no tempo da castanha.

6.3 - JUQUIRI GRANDE (YUKIRY-UAÇU)

Depois de deixar o Aripecú, mais conhecido hoje como Erepecú, Barbosa Rodrigues entrou “pela foz do lago Yukiry-uaçu que dista, 26 milhas do Aripecú, desembocando na mesma margem. Um canal de 30 metros pouco mais ou menos, muito tortuoso, leva o explorador, por entre uma fechada mata, que borda as margens, ao lago. O Lago sem ser muito extenso, é contudo salpicado de ilhas das quaes a principal é a do Diamante ...Três sítios alhi encontrei, habitados por pretos fugidos, mocambistas e por uma família de tapuya desgraçada pela elephantiasi dos gregos.

Ainda sendo dia, desembarquei, encontrando só a família, e abandonadas as casas dos mocambistas, que com nossa chegada fugiram, observando contudo nossos movimentos.

Estes depois, que nenhum mal lhe fariamos começaram a aparecer.”

Barbosa continua a sua narrativa no contato com os moradores do Juquiri Grande . “Quando desembarquei, preparava uma das mulheres doentes, o óleo de piquiá (...) Empregam-o geralmente só para luz. Pelo mesmo processo vi ahi exthair-se também o do uixipocu.” Com alguns mocambistas, que poucos dias antes haviam descido das cachoeiras, conversei e deram-me informações dessa região.

Percorrendo no dia as suas roças, encontrei signaes de extinta maloca, nos numerosos fragmentos de loca que haviam espalhados. Entre esses fragmentos encontrei alguns com formas de animaes, entre elles um representando bem a cabeça de um jacaré”.⁽⁶⁵⁾

Acima do Jukiry-uaçu fica o lago PALHAL e na margem opostas o lago Mácuê.

Bem quanto a nós, no Juquiri Grande, conversamos primeiramente com D. Ana , 88 anos, filha de Maria Joana dos Santos e Manoel Régis. Irmã, por parte de pai, de Germano, Tereza e Manoel Fernandes, lá do Erepecú. Nasceu nas várzeas perto, abaixo da Macaxeira. Neta de Martinha Maria dos Santos e Clemente Antônio dos Santos. A mãe era *aqui mesmo do Trombetas, só pode se no lugar de frente ao lago Matapi onde nasceu diversos deles.*

Vieram para o Juquiri porque nós saimo de lá. A companhia jogou nós de lá daquele lago chamado Matapi, lá era nossos terreno, mas ela indenizou e nós saimo. Viver só na vargem todo o ano a coisa vai pro fundo, num interessou nós fica lá né.

As famílias que já existiam aqui eram: Azamor Gualberto, Manoel Gualberto, Cantidio Gualberto, Osmarino Gualberto era essa família.

Sobre os mocambos o que eles *Falavam é que quando eles entraram aqui foram vivê nesse mocambo juntos. Agora o meu avô, pai da minha mãe, não senhor ele não chegou prá lá, ele ficou nesse lago aqui do Erepecú, quando ele veio da terra dele, que era Alenquer. A minha avó era de Santarém, entraram aqui e foram direitinho prá o Erepecú.*

Vieram para cá por causa dos brancos que vendiam eles, aí fizeram eles corre de lá prá cá. Foi prá tê esse mocambo.

Eles ficaram escondidos aqui no Erepecú? É, eles ficaram. Mais o negócio já estava mais liberto. Por que eles vieram e esse velho, vivia dentro do lago chamado Matapi, chamado Rafael era conhecido dele, viu que ele estava fazendo um lugar aí dentro e foi chama ele prá vendê uma parte desse lugar no Matapi, e aí os outros todos já vinham atirando aí de cima do mocambo, já tavam ficano liberto né, e eles entrou nesse tempo fazendo também, como o velho, e ali levantaram e pronto. E criou os filhos todos e já os netos também se criaram aí nesse lugar.

Essa fala torna-se bastante interessante em razão de confirmar a existência dessas “paragens menores”, que deram suporte aos mocambeiros que estavam acima das cachoeiras.

64 - Idem P.121

65 - Idem P. 18/19

Sem a necessidade de “comprovar” a sua fala, ela complementa as informações de Barbosa Rodrigues quanto aos quilombolas que ele encontrou nessa localidade.

Aí vivem, também, os descendentes daqueles das cachoeiras como Raimundo Alves dos Santos, 60 anos, filho de Raimundo Viera dos Santos e Maria Viera dos Santos, nascido na Porteira. A avó Maria Vieira. *era de lá da gema do Mocambo.*

A fala de Luzia Clemente dos Santos, 49 anos, é mais uma que remete ao Mocambo do YUKIRY-UAÇU. Filha de Lucimara Clemente dos Santos e Antônio Andrade, nasceu no Jamari. Seus avós eram: Maria Joana dos Santos, da minha mãe, e Eleonor Vicentino de Andrade e Matias Alves, por parte de pai. Veio para o Juquiri em 77 *“porque a companhia do Jari achou que a gente não devia ficar do lado de lá, aí ela deu uma micharia e a gente desocupamos as terras de lá e viemos prá várzea. Só que na várzea nós não podia ter uma moradia fixa, porque de verão ela tá em terra, de inverno ela vai pro fundo. A gente precisa de planta e a parte que a gente achamos importante de vim fazer umas plantaço foi aqui no Juquiri.*

A Bisavó, *vó do meu pai, nasceu nesse Campiche. Ela falava que quando eles vieram eles subiram aqui nesse rio e foram pras cachoeiras, se esconde dos brancos e de lá a cidade que eles faziam as compras era Óbidos. Eles desciam de lá e faziam as compras, mas só viajavam a noite, porque só andavam escondidos por causa dos brancos. Mas eles iam de remo de cachoeira prá Óbidos e de Óbidos pras cachoeiras. Ainda me lembro que ela falava que lá eles faziam festa. , uma festa de Nossa Senhora da Conceição.*

Ela cresceu mocambo nesse Campiche. Aí num ano que o pai dela trabalhou prá arrumar o dinheiro prá vi buscá a vó dela, prá pagá o senhor da vó. Já quando eles iam descendo prá busca a mãe dele, aí gritaram a liberdade e libertado os escravos. Aí todo mundo ficou alegre, aí quando trouxeram a velha não foram mais prá lá, já vieram prá cá trabalhá e construí a família deles. Aí que até hoje mora esses galhos dessa turma, tudo veio dela. A mãe dela teve só ela de filha e ela aumentou uma família que até hoje ainda tem tudo essa turma lá do Jamari, ainda é descendente dela.

6.4 - JAMARI

A comunidade do Jamari foi uma das que mais foi atingida pela política ambientalista aplicada naquela região. Todavia ali encontram pessoas cujas histórias estão entrelaçadas com as comunidades que estão mais acima, como a Tapagem, e como aquelas já referidas anteriormente. Ali vive Máximo de 74 anos, e sua irmã Nazena Andrade da Conceição, de 77 anos. Ele nasceu no Jamari e ela em Mãe Cué. *Eu nasci ali dentro do lago do Maincué, mais mim criei aqui nesse pedaço do Jamari.* Filhos de Donga e Leonor. A avó por parte de mãe era Maria Cirila da Conceição e por parte de pai Sebastião Cordeiro. Eram, os meus bisavós.

Diz o Sr. Máximo *“eu ouvi contar, eles vinheram prá cá, vinheram fugidos da escravidão. Os meus bisavô vinheram tudo prá cá e nós se assentamos por aqui. Foi o nosso começo. Vinheram fugido da escravidão, não queriam mais ser escravos e vinheram morar prá cachoeira, tivemos que ficar lá, as escondidas pelas cabeceiras do rio prá se escondê do branco, e vinheram vindo e esses meus bisavô subiram aqui nesse rio e foram morá na cachoeira por que o branco não sabia ir prá cachoeira, agora ele já sabe mais naquele tempo, era atrasado iam prá cachoeira chegavam lá no pé da cachoeira quem foi que disse prá subir na água forte e aí eles voltavam.*

E depois eles baixaram para cá? *“Sim depois já eram os meus avô foi que quando abriu a liberdade eles vinheram baixando, vinheram procurando lugar prá cá por baixo prá morar. A minha mãe nasceu aqui nesse lugar na baixa.*

Aqui chama Jamari também? *Olha aqui que é o Jamari, lá pode até ser Jamari por que é quarteirão, mais o Jamari mesmo é aquele igarapé que tem ali perto.*

As famílias mais antigas eram, *“a minha vó, a vó da Zuila. Eram os donos desse terreno aqui, do meu bisavô que era dono desse lugar daí da vargem era Francisco Cirila, era pai da minha Avó e da mulher dele era Maria Leonor, era mãe da minha avó esses dois, pai e mãe, mãe da minha vó, por que o pai da velha Joana era Clemente que morava aqui no Jamari.*

D. Zena por sua vez, ao ser indagada pelos antigos, os do Mocambo, responde: *Olha minha vó que contava, mais a mãe dela que foi escrava dos brancos. A minha vó contava que quando eles entraram nesse rio a mãe dela veio gestante dela, ela foi ter ela lá no tal de Mocambo. Era Maria Cirila da Conceição, ela nasceu lá cachoeira no lugar chamado Campiche, lá ela nasceu.*

Olha aqui nós vivíamos, duma castanha, de um Pirarucu, de uma tartaruga, de um couro de onça, de um couro de porco, de couro de maracajá, as vezes algum sabiá, não dava prá isso, ia na roça, fazia a rocinha hoje em dia prá se manter e a gente vive assim.

E todo mundo usava a mata de forma coletiva? É. Prá cá não tinha esse negócio, “há não entra aqui no meu terreno” tinha os que compraram velho, tinha um velho que tinha, era proprietário, a maioria a terra era do governo qualquer um podia fazê o seu lugar, tinha direito no lugar dentro de uns 4 ou 5 anos que ele morasse no lugar ele já tava como dele, os branco mesmo diziam é rapaz esse é teu por que você já está aí tantos anos, não tem mais direito de te jogarem daí.

Mais teve alguém que já quis tirar vocês daqui? Olhe só (...) que queria Jogá nós daqui de lado (...) Por isso que foi levantado a comunidade, por que o IBAMA queria jogá nós do nosso lugar, aí levantaram a comunidade e eles ainda foram três vezes prá bandalhá o barracão que estavam fazendo prá escola, aí eles disseram, ele perguntou com que ordem estavam fazendo a escola lá, aí disseram que era com ordem do prefeito, “quem é o prefeito desse lugar”, aí disse olhe você deve saber quem é você mora lá, aí disseram olhe se vocês continuarem com essa escola a gente vai jogá gasolina e tocá fogo, é vem, aí continuaram com o serviço, aí eles vinheram, vinheram e viram que a escola ia prá frente eles pararam, nunca mais eles vinheram, aí levantou a comunidade, prá cá tinha muito menino atrasado, não tinha escola, não tinha nada aí levantaram a comunidade prá ver se levantava a escola para os meninos estudarem foi assim que foi começado a escola, a comunidade. Do outro lado.

Vocês foram para lá por causa do IBAMA.? Nosso lugar definitivo de nós morá era lá, lá nós fomos criado, e olhe meu senhô no tempo que nós se criemos prá nós tudo era fácil, era farto uma bóia, era farto peixe, era farto tartaruga, era farto caça, não tinha falta de nada de uns certos tempos prá cá escangalhou, hoje em dia tem dia que o pescador sai prá pescar não puxa um peixe, depois apareceu essas companhias, todo mundo já quer pegar peixe prá vender é que bandalhô, por que o IBAMA lá veio zela, diz que veio zelar, mais é que ela zela por uma parte e não zela por outra, por que quando ela está zelando prá cá, pra cá estão invadindo, aqui não tem esse negócio de dizer aí é reserva, reserva era no tempo que nós moramos aqui velho, por que naquele tempo prá nós tudo era farto, hoje não tem mais fartura, acabou, por que o IBAMA disse que veio zela, eu acho que ela veio foi esbandalhar de uma vez, tabuleiro onde tartaruga saltava nem lá mais salta, então ela não veio zela, ela veio esbandalhar, é assim.

O dialogo vai acontecendo e os personagens vão surgindo, delineando os fios da história. Assim aparece madame Codreau. “O que eu ouvi falar dela, é que ela subiu prá cá (...) e foi cá, lá na Colônia, e lá o marido dela morreu e ela deixou enterrado ali no lugar do finado Chico Dantas e quando chegou uns tempos ela veio buscar o cadáver.

Assim, também, lembram das histórias contadas sobre o e Basílio, e o seu tacho, onde conseguiu escapar das perseguição dos brancos. História que o pai Donga gostava de contar.

No outro lado do rio, em frente aos filhos do Sr. Donga, mora a família do Sr. Antônio Pereira de Jesus, 89 anos, conhecido por Antônio Macaxeira, parente de Mário e Lúcio Macaxeira, lá do Moura. Nasceu no Arrozal.. Filho de Joaquim e Tomazia. Seus avós eram João Rocha e Joana Rocha. Veio pra o Jamari a mais de 30 anos. As famílias que já estavam ali eram as de Maria Cirila, a casa dela era ali em baixo.

É o protetor do Santo Antônio. Aquele Santo quem mim deu foi o meu avô Vitório na cachoeira .Era tio da minha mãe. E quem deu para o Vitório? E, eu não sei, ele trouxe de lá debaixo, o avô dele, que veio prá cá, vinheram fugido, naquele tempo eles eram arribado, vinheram prá cá? Eles fugiram dos antigos, e moravam lá naquele lugar, no Turuna dentro da cachoeira, lá eles faziam festa desse santo, eles baxavam, naquele tempo eles andavam só de noite, (...) só tinha uma casa de comércio o pai da velha Cirila foi quem ajudou a limpá aquele lugar, ele limpou eles iam comprá a despesa do rancho tudo e subiam, saiam de lá de noite, andavam o dia e a de subida quando anoitecia eles baixavam no remo, com carga grande que eles tinham iam cheios de mercadorias e iam embora, subiam cachoeira de certa parte prá lá eles já iam festejando davam tiro tinha muita gente lá, lá eles moravam. Festejavam muito esse santa. Esse santo ele fugiu, diz ele que quando era de noite eles arribavam, eles arribavam prá cá para os cativeiros queriam pegar eles, queriam encher eles prá lá, e eles se defendiam com esses santos e nunca eles foram pegos, e esse santo veio prá cá, e aí depois foram morrendo, foram morrendo, foram morrendo, até por fim ficou o Vitório, ele é herdeiro desse santo, ficou já na mão do irmão dele, do irmão dele morreu.

Na nossa conversa outros velhos mocambeiros vão aparecendo, além do Vitório como o João Rocha e o velho Ricardo que *“morava no lago chamado macaco, abaixo do Arrosal, no mucambim. É abaixo da cachoeira, é aí que ele morava. Ricardo, chamavam Pereira Cardão, era assim que chamavam ele. Eles três mais velhos quem tinha naquele meio. Tem também, Margarida era a minha vó, era a mãe do meu pai. Eu conheci muito. Ela morava no lago do Mura. Lá nós começamos, lá a minha vó fazia uma festa muito grande. O Santo era Nossa senhora de Nazaré.*

O Senhor Antônio vive com sua filha Antônia Pereira de Jesus, 52anos, casada com José do Carmo? *É filho daqui do rio mesmo, do Jamari também.* Assim como ela.

Segundo D. Antônia , quando chegou o IBDF *“atrapalhou, quando nós sentemos nesse lugar não existia IBDF, já depois que nós já tava aqui morando já vários tempos, tava com uns 15 anos morando aqui já que apareceu o IBDF aqui prá querer jogar com nós daqui, aí que foi que nós começamos a fazer essa escola eles botaram em cima, eles vinha aqui e queriam brigar com os homens que estavam trabalhando aqui, era só mesmo o pessoal daqui, aí quando foi um dia eles disseram que iam taca fogo na escola, aí o meu irmão disse, olha você vai taca fogo mais fale lá com o prefeito que foi o prefeito que mandou nós fazê isso aqui que a escola é do governo, não é nossa. É mais eu já falei que aqui eu não quero escola que isso aqui é reserva. Mais o que você está reservando aqui, que aqui não tem o que você reservar. Aí eu vou pra cima, amanhã quando eu passar eu venho taca fogo aqui. Pois é taque fogo em tudinho nas casas que tem aqui não taque só num. E foram e aí, essa gente baixaram chegaram lá falaram, era o Luiz Suza que era o prefeito, aí chegaram lá eles falaram, e ele disse olha volta quando eles chegarem lá tu diz prá eles que eu vou assistir eles tocarem fogo na escola. E quando foi um certo dia eles chegaram aqui, eles passaram bem por fora não encostaram mais, aí teve uma prima minha que disse olha tu qué sabê de uma coisa vamos levantar uma comunidade aqui aí foi que prá nós conseguir a comunidade ai eles vão se afugentar daí, ai foi que nós conseguimos essa comunidade, essa comunidade começou eu e uma prima minha que mora ali, nós duas que fomos a frenteira dessa comunidade aqui, aí foi indo, aí foi dando gente, e o pessoal foram entendendo que era bom, aí foram se chegando e hoje ela é uma comunidade esse aqui é uma comunidade de família só quase de uma família aí nós estamos até agora aqui rolando, de morador era só mesmo eu que morava aqui, a velha Cirila, depois deu casar eu abrir esse lugar aqui (...) derrubemos tudo, isso aqui era bonito mesmo.*

Acima do Jamari está Mãe Cué e logo após o Sagrado Coração. Estas comunidades estão praticamente no “quarteirão” da Tapagem, assim como o Abui.

6. 4 - SAGRADO CORAÇÃO

O Sagrado surgiu como uma extensão da Tapagem. Conseqüência natural do processo de deslocamento das pessoas, na busca de novos espaços para o trabalho, Ali vamos encontrar moradores, descendentes dos mocambeiros, vinda das áreas da cachoeira Porteira como D. Rosa Vieira dos Santos, 74 anos, que nasceu no lugar chamado Curuá *lá em frente a boca do Cachorro.* Filha de Silvério dos Santos e Maria Vieira. Avós - Sebastião Vieira e Maria Pinheiro .Eram do Mocambo. A bisavó chamava-se *Maria Dominga. Ela foi ter minha avó no tal Turuna. A minha bisavó veio corrida da escravidão, e teve a minha avó para lá. E depois eles vieram baxando.*

E lá na comunidade que a senhora nasceu, lá no rio Cachorro, existiam outras famílias? *Tinham, tinham. O meu pai, quando a mamãe morreu, ele veio para cá, que a mãe dele morava aqui. Veio para cá e eu fiquei prá lá com minha avó materna. Me criei com ela, me criei na cachoeira Porteira, quando foi em 1942, meu pai arrumou outra mulher, eu vim para cá com ele. E desde essa década, ele morreu e eu estou aqui 42 anos de falecido.*

Quais são as famílias mais antigas que tinham aqui no Sagrado? *Era parente, era velho, era tia de meu pai, Maria do Carmo, Bárbara, Joana Manso, tudo isso era só uma família. Aqui a gente vive da roça, da pesca, castanha. Agora a gente trabalhava na castanha lá no Jacaré. Hoje ainda algumas pessoas vão tirar de teimosos, mas é reserva biológica. Aí quando foi criada essas reservas, florestas, a gente já morava aqui.*

O assentamento do Ibama causou até morte de uma criança de 3 anos. Paravam nas casas, eram assaltando, quando os donos das casas vinham já estavam por dentro. Na minha eles não vieram, a lancha encostou, mas depois recuaram e foram embora. Uma vez, batiam aí na Tapagem, bateram num rapaz.

E desses mais antigos que você conheceu, aqui e de outras comunidades, também tinham vivido em Mocambo? *Eu conheci. A mãe desse Xavier aí a Maria Sofia. A mãe, vocês*

conversaram, o rapaz lá que o Carlos falou do Santana, avô do Santana. O pai dele também. Eles eram pessoas mais antigas.

A Tapagem é o lugar das festas. A festa cultural que faziam era muito bonito. Agora já mudou muito. Tinha outra festa, de umas pretas velhas que moram aqui pro lado da Água Fria. Eu não conheci as festas delas, mas, eu conheci as três, moravam numa casa ali onde era a Assembléia era casa delas, Ana Benedita, e Neta, eram três irmãs.

Ao recordar dos embates com fazendeiros que queriam se apossar da área compreendida pela comunidade do Sagrado D. Rosa enfatiza esse momento de enfrentamentos. “Querida tomar tudo isso para fazer campo. O nome dele é Humberto Guimarães, é de Santarém. Ele botou um rapaz por aí mais a mulher. Já, nós tinham uma capelinha de palha, quando num domingo nós fomos no culto lá, era capim plantado desde o batente da capela, até na beira da ladeira assim e nós arrancando, arrancando e jogando na água. Daí, a luta foi prá frente.

E ele não protestou? Não, não protesto. Nós arrancamos o capim, só derramamos lá na casa, na porta da casa. Depois o fazendeiro tirou, levou ele embora, que daí eu nunca mais vi aquele homem. Não sei para onde ele foi.

Mas o fazendeiro nunca mais voltou também? Não, vive por aí, o pai dele tinha uma fazenda lá na cachoeira Porteira, depois o pai dele morreu, a mãe dele ficou aí, sempre ela vem aí. Ele parou por aí no Seminário, de vez em quando eu vou na cidade, falo com ele.

Na fala com D. Rosa vamos encontrando um pouco da história de outras comunidades, mais acima, quando ela se refere às várias famílias que foram expulsas da reserva biológica, em particular do lago do Jacaré. Tinham muitas. Uns estão atuando por aqui, dali abaixo, outros foram para o Abui.

No Sagrado vive, também, Ornélio Correia da Natividade, conhecido por Nilo Colé. Nasceu no Mãe Cué. Os pais eram: João Colé e Maria Correia da Natividade. Suas avós: Lorentina, por parte da mãe, e a outra Joanina, da parte do meu pai. O meu avô por parte do papai era Zé Colé e da parte da mamãe eu não conheci. O papai dizia que era um piauiense, eu não sei nem do nome. Eles nasceram aqui nesses lago de Tapagem.

É casado com Raquel Pires dos Santos, 57 anos, que ao responder sobre o lugar onde nasceu, dá a dimensão e o significado do que é a Comunidade da Tapagem. Olha, esse município aqui tudo, conhecem como Tapagem, quando eu nasci, já conhecendo com esse apelido Tapagém. Eu nasci aqui abaixo, na casa de um primo, perto da casa. E aqui nós trabalhamos, vivemos da castanha, muita castanha. Prá gente se mante, faz uma rocinha.

Ao se referir sobre o surgimento do Sagrado, sua narrativa assemelha-se à de D. Rosa. Diz ela: “Essa comunidade se formou aqui devido o Humberto. Humberto comprou esse lugar ali, onde nós estávamos, que vocês passaram por essa casa. E ele o Vitalino morava lá ele e o João Vitalino e depois ele resolveu ir embora e vendeu prá Humberto, velho que sempre anda prá cá e aí ele comprou e começou a plantar capim, aí colocou gado e tudo por aqui era capim, tudo, tudo, e os gados dele, ele mandou até lá em casa, e me acabaram minha mandioca comeram todinha. E sempre ele dizendo que ia tomar conta disso aqui pra ele, ia tomar de conta. Aí começamos aí, formamos essa comunidade que embarçou o campo dele e por isso que nós formamos esta comunidade aqui. Primeiro era Tapagem ali, depois foi essa aqui, por causa desse problema com Humberto, o campo e o gado, que queria tomar tudo isso aqui prá fazer campo. Tudo isso aqui era capim, começamos a trabalhar, nós arrumávamos o capim, que ele plantando e por isso nós formamos isso para embarçar o trabalho dele. E aqui é Sagrado Coração de Jesus.

Todavia, no sagrado a história não é apenas desses descendentes de mocambeiros. As lembranças dos antigos estão ali. Nilo Colé diz: Eu conheço um bocado de preto velho sabe?! E aí pras cachoeiras, eu vi muitos locais que os pretos velhos andaram morando. E na mãe do rio, cheguei até defronte da boca do Poana, isso é mais de semana viajando, remando.

E desses velhos que o senhor disse que chegou a ver, qual o nome deles? “ Eu ainda vi o Manoel José, Velho Bernardo, a velha Sofia, isso tudo eram velhos. Velha Maria Máxima, Chico Pedro, o velho Genuíno e finalmente tios meus; José Bernardino, velha Loiana, velha Inácia e Luiz Colé tudo isso eram velhos; as velhas da casa grande, a velha Adita.

O meu avô contava isso, a mãe dele, a Joana Manso, a mãe dele cansava de contar isso pra nós. Que ela ainda foi uma que se escondeu. Ela contava que veio o pega-pega e aí eles se arrumaram e entraram aí pro mato, pra atrás, foram se esconder pra lá. Quando ela deixava anoitecer, ela fazia aqueles foguinhos pra fazerem o que eles comerem; aí eles comiam, apagavam o fogo e ficavam tudo quieto, não fazia zuada pra não escutarem. As

crianças tudo, ficavam tudo caladinhas, que o pega-pega estavam andando. Ela contava essa história, que sempre deu isso com ela ainda.

O que era o pega-pega? *“Eram as pessoas, que andavam por aí querendo pegar o pessoal; as vezes pegavam né, davam pisa no rabo deles. Isso, eles contavam isso, não era do meu tempo ainda. Mas escutava eles contarem isso.”*

Falavam no Ambrósio também? *Falavam de tal Ambrósio, tinha um tal Porora, Manoel Francisco. Ouvi dizer que Manoel Francisco morava ali onde aquela minha tia mora. Manoel Francisco era irmão da Sofia, velha, que morava aí na Tapagem, mãe do Filipe, João Xavier.*

A Sofia vinha de mocambo também? *Era da luta. Conheci ela aí, morava na Tapagem, quando me entendi, já vendo ela já velha, os filhos todos aí. O nome dos filhos dela, um era Filipe, outro Domingo Xavier, outro João Xavier, Marcolina Xavier, tudo era filho dela, dessa velha Sofia.*

No Sagrado os laços de parentesco vão além da Tapagem e Mãe Cué, perpassam pelo o Abui. Como diz o Sr. Nilo: *lá é que estão meus familiares. Olha esse moreno aí é meu parente chegado, filho de uma prima legítima minha.* Refere-se a Carlos Printz. É primo “legítimo” de D. Rosa Colé.

D. Raquel, também, tem vários parentes no Abui. *“Tem uma irmã lá, duas irmãs, uma é mulher do Miro e outra é mulher do Leonel.*

As narrativas desses depoentes evidenciam o quanto às histórias dessas comunidades estão entrelaçadas, em particular com a Tapagem.

6.5 - TAPAGEM

Mais uma vez recorreremos aos viajantes do século XIX para chegar à Tapagem. Em 1875, João Barbosa Rodrigues chegou até as primeiras cachoeiras. Durante a subida do rio, esteve em casa de mocambeiros estabelecidos nas “águas mortas”, no mocambo da Tapagem “Ahi fundeado ainda cedo, fui à terra à casa de uns mocambistas que ahi moravam; e que me confirmaram as informações que já tinha e deram-me outras, para as quaes sua longa prática e estada nesse rio, de 35 anos, os habilitava”.

“Personificado vi ahi o amor da liberdade. Dous pretos, dous irmãos, Antônio e Miguel, esqueletos ambulantes, com a neve de mais de 70 anos de existência sobre a cabeça, nós trabalhando sem poder, arrastando os perigos de travessias de cachoeiras, sempre sobressaltados, preferindo a vida infeliz que passa, ao socego e descanso de que são merecedores, debaixo do poder de seu senhor. Aconselhando-os que voltassem ao seio da família que abandonaram, que garantia-lhes obter a sua liberdade, responderam-me antes a vida animal em liberdade, do que o bem estar no cativoiro. Descrentes, pela vida sempre de enganos que passam, no trato com os regatões, não acreditaram na promessa que lhes fiz”⁽⁶⁶⁾.

A resposta dada por esses mocambeiros expressa o significado dos mocambos: a liberdade contrapondo-se ao cativoiro, que para Barbosa Rodrigues representava o bem-estar. Aqueles quilombolas sabiam o real sentido do que era ser cativo. Como qualquer “animal”, preferiam viver livres do que voltar para a família que abandonaram, que os escravizava. E que família?!

Os registros de Barbosa revelavam detalhes significativos quanto antigüidade desses mocambos e a prática do comércio com os regatões, que possibilitava aos negros “ter tudo quanto precisa inclusive fazenda, sal, pólvora e armas”. E com certeza as informações que necessitavam sobre a movimentação na cidade, no que se refere à organização das diligências.

“Dizendo adeus aos velhos mocambistas, segui viagem,” concluindo assim a sua visita àquela comunidade quilombola.

Outro visitante que esteve na Tapagem no século XIX foi O. DERBY. “Nós fomos bastante felizes em ter conseguido os serviços de um bom rapaz, chamado Rufino, que vivia no lago da Tapagem e não só serviu de guia mas também obteve em nosso favor a bô vontade de outros, ou antes impediu que fugissem de nós, pois não parecem dispostos a cometer violências, muito pelo contrário, anciosos por conservar a bô reputação a este respeito. Durante a nossa estada entre elles mostravam-se ansiosos por que nos não acontecesse qualquer accidente, do qual lhes podesse provir censura. Uma queda accidental do Dr. Freitas [...] foi-lhes motivo de grande pesar, com receio de que eu podesse considerar responsáveis por ella. Menciono, de propósito, este facto, porque commumente representam-se os quilombolas como classe perigosa, de ladrões, violentos e preguiçosos, e

⁶⁶ - João Barbosa Rodrigues. Rio Trombetas. p. 20. grifo meu

nós achamos o contrário quietos, de bom coração e industriosos como o resto da gente do Amazonas.

O número de quilombólas está continuamente crescendo com os nascimentos e com a chegada de novos fugitivos, e actualmente devem contar muitas centenas d'elles no Trombetas e no Cuminá. Elles têm em Conceição uma capellinha e mostram com muito orgulho santos feitos do amago dos troncos de plameiras. Celebram os dias santificados com toda a pompa possível, e um padre, que penetrou no quilombo, há alguns annos passados, foi recebido com enthusiasmo. Cuyltivam muito fumo, que d'antes era muito procurado passando ser o melhor do Amazonas, mas n'estes últimos annos tem dachado do conceito que era tido." (67)

No final do século XIX passam, também, por ali os Codreau, que não guardaram uma boa impressão dos quilombolas que encontraram pelo rio Trombetas, assim como no Curuá, Erepecurú e mesmo na Guina Francesa e no actual Suriname. . "Seja entre os Bonis ou os Boches de Guiana Francesa e Holandesa, ou entre os mocambeiros de Chouna ou de Ouraraip na Guiana Inglesa, ou naqueles do Curuá [...] se via em toda parte escravos fugitivos apresentando as mesmas características: baixeza, mentira, traição com relação ao branco. Ele se apresentava insolente e tirânico em relação ao índio, enfim, entre eles a regressão rápida em direção aos costumes mais primitivos dos negros tais como aqueles das ilhas de Fidji, Daomé e de Uganda onde, também, se encontrava essa curiosa espécie." (68)

Por fim, temos as informações de Adolpho DUCKE, que no seu relatório: Explorações Científicas no Estado do Pará, afirma: "Os últimos moradores são os da "Colônia", ao pé da cachoeira Porteira, logar lindo como paisagem porém ifeccionado por febres perigosíssimas; mais em baixo, no Arrozal e na Tapaginha, existem espalhados outros d'estes descendentes do antigo "mucambo" (colônia de escravos fugidos de Óbidos, Santarém, etc.) do Maravilha, que ficava um pouco ao norte do equador, entre as cachoeiras do Caspacouro e da Mina. Com a falta de hygiene n'uma região insalubre, as moléstias dizimaram horrivelmente os mucambeiros, que de mais de mil estão reduzidos a poucas dúzias de indivíduos; da actual geração, muitos exercem o officio de "cachoeirista", sendo elles quasi indispensáveis para uma viagem em qualquer um dos afluentes encachoeirados do Trombetas. Há entre elles homens fortes e sadios que gozam d'essa perfeita immunidadade contra o paludismo, que às vezes se observa na raça africana." (69)

Os "mocambistas" conhecidos por Barbosa Rodrigues e Derby, hoje fazem parte das lembranças dos moradores da Tapagem, e do Abui, como Dona Maria Rosa Xavier Cardoso, natural da Tapagem, 76 anos, filha de Felipe Francisco Xavier e Maria Tereza Cordeiro. *Eles nasceram aqui na Tapagem. A mamãe quando morreu ela já estava com uns 80 anos e o papai também já estava caminhando pros 90 anos.* É irmã de Felipe Xavier, já falecido.

Quem era os mais velhos que a senhora conheceu aqui dona Rosa. *O pessoal daqui que eu conheci, olha justamente foi a minha vó, Maria Helena, a Jinfonsia.* O seu avô era do Mocambo, chamava-se Manoel Francisco.

Esses mais velhos contavam alguma coisa da história do Mocambo? *Olha o meu avô prá mim mesmo não, e já o papai já contando conversando, ele foi prá lá prá cachoeira, Prá lá ele se companha com o Vieira, eles eram tudo parente o Gira com o papai e ele foi prá lá com eles, iam prá lá com os índios, dizem que prá lá eles comiam aquelas comidas que aqueles índios preparavam, vinham tudo, tudo eles comiam com eles prá lá, depois ele baxou veio embora, até ele foi casado com a mãe do Antônio Gomes aí adepois disso foi que ele se juntou com ela prá lá e eles foram viver.*

Ela era do Mocambo também. *Era de lá de cima. Nasceram acho que na Porteira, foi prá lá também, tudo prá lá.*

Da escravidão quem contava era a avó, chamada Maria Helena. *Ela contava, do cativoiro, eles vieram da peleja da escravidão, o irmão dela, era Felipe o nome do irmão dela, eles mandavam eles remarem, "rema Felipe" ai ele dizia assim tá seguro meu senhô, ele tinha cada custo de braço, ai metia o remo n' água chega espocava lá atrás (...risos).*

Nem D. Rosa e O Sr Pedro ouviram falar nos irmãos Antônio e Miguel, encontrados por Dreby as o Rufino, *olha o Rufino também eu não conheci. Eu ouvi falar sim, essa cabeceira*

67 O. DERBY P. 37

68 - O. Codreau. *Voyage au Trombetas*. p. 130.

69 Adolpho DUCKE, Relatório: *Explorações Científicas no Estado do Pará* -P. 159/160 - *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, Vol. 17, 1909.

que vai aí, até que se chama Rufino, por que esse Rufino ele morava prá í. Há o lugar do Rufino..

E as festas na Tapagem? *Era boa né, por que graças a Deus a festa aqui primeiro não se tinha essas tantas beverage que hoje tem, era só aqueles velhão que tomavam prá se divertirem e foram brinca (...) não assim, não tomavam, pois é, e a música que tinha era o negócio de violino que chama, era tambor, bumbo, essas coisas de pau e corda.*

Por sinal hoje os moradores Tapagem, juntamente com os do Abuí e de outras comunidades, estão tentando formar um grupo musical composto por instrumentos de pau e corda. Nesse sentido buscam aprender com os mais velhos, que no tempo d a mocidade eram os “craques” da música por aquelas bandas

E festa de ramada tinha? *Tinha. O protetor do santo era o papai. São Sebastião. Tinha uma festa ali das velhas que nós chamava a Jinfonsa. Ali de onde é a congregação, na Água Fria. Elas eram Mocambeiras também, elas festejavam lá a Santíssima Trindade, senhora da Conceição, eles festejavam, Divino Espírito Santo (...) mais era muito linda a festa das velhas, preparavam tudo, um bocado de biscoito que dava gosto da gente comê, era a Ana chamavam, né, o nome da mais velha era Ana, tinha a Esméria, tinha a Benedita, tinha a Luzia e tinha a Inês.*

A fala de D. Rosa é interessante ao mostrar as imagens de São Sebastião que estão lá na capela. Há uma de gesso, grande, que foi doada por Gabriel Guerreiro, um político de Oriximiná, e outra pequena “mirradinha” feita de madeira, que teria sido construída pelos antigos. *Nos festejamos essa, referindo-se a imagem menor. É nessa imagem que está o sentido de ancestralidade, veio do tempo dos antigos.*

E o velho Ricardo, conheceu, muito falar do velho Ricardo lá da cachoeira? *Vi, como é que chamava a mulher do velho Ricardo se lembra, conheceu ouviu falá.* Pergunta ao Sr. Pedro, que responde: *Tarsilia.*

E quando chegou aqui essa o IBAMA, o IBDF, cachoeira porteira, Eletronorte, mexeu com a vida de vocês aqui. *O pessoal primeiro logo que chegaram tiraram o povo tudo do Jacaré, já ir juntando, tudo, tudo, tudo, moravam aqui pela beirada ai esse pedaço, ai a gente não ficou achando bom, o pessoal (...) tudo que foi plantação que tinha, roça que o pessoal tinha, tá se estragando e tudo, muitas pessoas saindo, lamentando pelo o que eles tinham e não poderam aproveitar.*

O Sr. Pedro Viana da Cruz, Pedro Barulho, 70 anos, nascido no Arrozal, em um depoimento, por ocasião do IV Encontro Raízes Negras realizado na Tapagem em julho de 1992, expressou bem o sentimento de todas as comunidades do Alto Trombetas que vivenciaram momentos desagradáveis em relação à chegada das políticas governamentais no tocante ao desenvolvimento e preservação do meio ambiente, propugnada para aquela área. Diz ele: *No tempo que me crie, a vida era tranqüila, ninguém tinha perseguição, e vivia muito bem, sem companhia Hidrelétrica, sem essas outras conseqüências que está acontecendo agora no meio de nós. Meus pais me contavam certos passados deles que eles viviam. Contavam também de nossos antepassados que eram escravos, isto já passou, ontem, já ficou. Sou vou falar de hoje. Mas a gente vivia uma vida boa, ninguém tinha perseguição nenhuma. Eu estou com 59 anos, depois de eu estar com 40 anos, mais ou menos, começou a aparecer no nosso município, esse tipo de exploração, de coisas ruins prá nós. 1º chegou a onça que foi a mineração Rio do Norte, depois chegou o tigre, que foi a Cruz Alta (onde esá para ser instalada a ALCOA), finalmente chegou, tá quereno chegá o leão que é o mais brabo, que é a ELETRONORTE, quereno formar essa grande barragem e ainda tem outro mais forte a cascavel, que foi o IBAMA que chegou no nosso meio.*

Em razão do processo de desocupação da área da reserva biológica, houve um aumento populacional significativo da comunidade do Abui, para onde há muito tempo haviam de deslocado antigos moradores da Tapagem, juntando a outros vindos das cachoeiras e aqueles que foram expulsos do Jacaré.

6.6 - ABUI

Maximiniano de Souza, em 1855, na expedição que comandou para destruir o Mocambo Maravilha, diz: “Da foz do rio Arepecú, segui em marcha forçada até o lago JACARÉ, onde fiz acampar a força por me dizer o capitão-do-matto existir nos contornos d’aquelle lago um mucambo. Sem perder tempo fis uma força de 40 praças de reforço dos índios mundurucuvoltando dessa exploração de 4 dias sem resultado satisfatório.” Evidentemente que os

mocambeiros haviam fugido. É bom lembrar que Maximiano não conseguiu trazer preso nenhum quilombola do Trombetas.⁽⁷⁰⁾

“No lago do Jacaré começa a parte do Trombetas, percorrida no tempo da safra da castanha por embarcações a vapor e visitada por comerciantes, sendo porém os moradores até Oriximiná muito escassos. P.159/160 . Este lago consiste de dois braços unidos perto da embocadura, extendendo-se um d’elles rio acima até perto do lago de Abui e outro para baixo em direcção as cabeceiras do Arapicú.⁽⁷¹⁾

No lago do Jacaré “é o último dos grandes lagos do Trombetas, d’ahi até a cachoeira Porteira há sómente lagos menores, porém as margens do rio continuam baixas e com a mesma vegetação monotona. Os “taboleiros”, praias altas de areia grossa amarellada, são frequentados pelas tartarugas do Amazonas, mantendo a intendência municipal de Óbidos um “fiscal da praia” para obstar à demasiada matança destes animaes utilíssimos e à destruição dos ovos. Os poucos moradores d’este trecho do rio são os restos dos mucambeiros e seus descendentes , hoje talvez umas trinta pessoas.”⁽⁷²⁾

É imprescindível falar no Jacaré, para posteriormente chegar ao Abui. Muitas famílias desse lago se juntaram às que estavam no Paranã e Lago do Abui ,como a de Argemiro Vieira dos Santos., 72 anos, neto de Conceição José e Maria do Espirito Santo, *todos nascidos nos altos Campiche e Turuna. Eram mocambeiros, cheguei a conhê. Contavam do tempo que vieram corrido da escravidão por aí. Eles correram daí prá não servi d elambaia pra eles, espancavam, ele correram e foram se acituá aí pro rio. Eu nasci lá acima da cachoeira Porteira, num lugar pro nome Cachorro. A minha família é só negro cruzado com índio. Porque meus tios não tinha mulhe negra prá eles cruzarem eles cruzaram com índias. Eu tenho muito parente índio. Depois do Cachorro, meu pai veio embora aqui prá Tapagem, vim com 8 anos, e acabou de criar nós aí e minha avó ficou lá na cachoeira Porteira, lá ela se acabou.*

Quando veio para o Abui? Vira para o Carlos Printz e pergunta: *Parente se não está lembrando de quando jogaram nós do Jacaré? Que ano foi?. Foi em 80?. Quem jogou nós foi um tal de Gringo. Nós morava lá então, a gente conhecia aquilo lá como terreno de um tal de Raimundo Costa Lima. Depois ele morreu aí ficou com a viuva dele, com a filha dele, e casou com um português de nome José Machado e esse Zé machado vendeu essa terra para um gringo. Diz que o IBAMA comprou essa terra e foram desapropriaram sem direito a nada. Eu recebi pelo menos a indenização que deram, foi de dois mil cruzeiro, naquele tempo, e hoje em dia num dá nem prá comprá uma caixa de fósforo. Tinha 25 fdamílias, que morava lá dentro. Essas 25 famílias forma expulsas de lá. Tem eu aqui, tem um senhor por nome Manduca, tem lá pro Oriximiná, pro Capintuba, no Cuminá, pelo Moura*

Outra moradora do Paranã é Maria Cira Cordeiro, 57 anos, filha de Martinho Floriano Printz e Maria Rosa Cordeiro. O pai morreu com 88 anos e a mãe ainda existe, mora na Tapagem, onde ela também nasceu. *Eu vim prá cá pra gente trabalha. A gente trabalhava lá na comunidade da Tapagem, ai o meu marido resolveu que a gente viesse mora prá cá, que prá cá tinha mais espaço bom da gente trabalhar e ai nós viemos, e com a conclusão da escola foi que me nomearam para professora, e fiquemos trabalhando por aqui na lavoura, roça, castanha às vezes tirava madeira, mas isso não era todo o tempo.*

E do tempo dos Mocambos. *Olha tinha o meu pai, o meu avô chamado Martinho Printz. Eu conheci o meu avô materno que era Felipe Xavier. Esse meu avô Felipe contava que eles ficavam trabalhando, também, por essas cachoeiras, iam prá lá ficavam muitos tempos prá lá sem poder vir prá cá, pra onde eles começaram a vida deles, né. Que inclusive eles tem muitos terrenos nessas mediações da Tapagem. Tem caccoal, tem oiteiro, tem uma casa azul ali abaixo da Tapagem que tem uma terra preta, por traz, ali eles fizeram vários acampamentos por lá e andavam assim uma parte liberta e outra eles andavam meio corrido. Eles comiam sem sal, ai eles faziam sal queimavam esse croatá de inajá prá eles comerem com peixe assado, feito sal. Por todos esses martírios eles passavam. Eles contavam essas história.*

A razão dos deslocamentos espaciais dos moradores dessa região, como se vê, é fundamentalmente duas: busca de melhor espaço para trabalhar e a expulsão, motivada por interesses externos e alheios à suas realidades.

70 Maximiliano de Souza

71 DERBY - P. 373

72 DUCKE,Adolpho- Explorações Científicas no Estado do Pará - Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, Vol. 17, 1909. P. 166/167

Razões pelas quais o Sr. Raimundo Printz Colé, Mundaito, 75 anos, nascido na Boca da Água, abaixo da Água Fria, foi para o Abui É filho de Luiz Colé e Raimunda Printz *O Pai era daqui mesmo; a velha era daqui também, mas foi criada pelas cachoeiras. A avó materna chamava-se Alexandrina Printz.* A mulher do Sr. Mundaito é do lago Jacaré. Antes ele morava na Água Fria

E quando o senhor chegou aqui no Abui, já tinham outras famílias morando aqui já?

Espere lá, muito não. Eu me lembro tinha o Bijoga e Zé Bernardino, já existia prá aí e tinha o Guarina, era... esqueci o nome do pai dele... quem morava aí era o Guarina. Quem morou aqui nesse lugar, uma dona chamada Amélia Rocha, morava Inácia que uma tia-irmã do meu pai, no lugar da Madalena agora, era o lugar dela, ela morou aí; e a velha Amélia era onde nós estamos agora, nesse lugar.

Nas falas do Sr. Rafael Printz, 81 anos, e de D. Rosa Colé, 72 anos, encerramos nossa viagem por esses canteiros de memórias. Em suas narrativas encontramos a os últimos, ou primeiros, ramos dessa grande árvore, formada pelas comunidades de remanescentes, ou o mais correto desses mocambeiros do Alto Trombetas.

Rafael é filho de José Viana e Sebastiana Printz do Carmo. Neto., por parte de pai de Miguel Viana e Bibiana Viana e mãe Francisca Maria do carmo e Rafael Printz do Carmo. Todos eram Mocambeiros do Turuna, depois baixaram para o Arroizá (Arrozal) e Nova Amizade Segundo Rafael sua mãe morreu com 60 anos e teria falecido em cinquenta e pouco.

Dona Rosa Colé, nasceu em Mãe Cué, filha de Loriana e neta de Joana Joaquina do Livramento (Joaninha) que era do Mocambo do Turuna

Em seus depoimentos o Sr. Rafael e D. Rosa, trazem à tona a saga dos mocambeiros que se estabeleceram no rio grande, *havia mocambeiros na Macaxeira, sob o nome Atanázio, do Atanázio foram pro Maravilha daí pro Turuna e deram com piché deles, (dos brancos) de novo foram pra Poama, onde se agüentaram lá, por que o Poama fica numa parage que, numa ilha grande, não encosta nem pro lado nem pra outro e eles não podiam chegar lá. Ai foram indo até que chegou um tempo que Deus viu que o sofrimento, que o sujeito sofre até aquele tempo certo, bastou daqui até pelo Jesus, Jesus sofreu morreu só naquele dia certo que o pai tinha determinado a ele e assim também isso assim, ai vieram descendo de lá prá cá.*

Eles vinheram descendo aos poucos. De lá eles vieram pararam no boca do Cachorro, por nome Croá, de lá vieram aí pro Boto, ai fizeram um acampamento grande ai no Boto, vieram já prá Colônia, outros já vieram pro Macaxeira que tinha ai um igarapé, onde o primeiro Atanázio fugiu. Ele voltou de novo prá i e os outros vieram prá Tapagem, prá Colônia prá i eles foram se colocando já aí na marge do rio.

Nesse processo de fuga é bastante ressaltada a proeza de Basílio, também lembrada por narradores anteriores, que *andava dentro de um tacho, daí prá cima esse Basílio quando acabava o rancho dele aí quem vai buscar o Basílio por que o Basílio era um negro forrado de muitas orações, uma oração bem maior é São João ai ele vinham embora. Era o meu bisavô, o Basílio, diz D. Rosa*

Outros atores sociais dessa história vão aparecendo como Rufino, que evidentemente não chegaram a conhecer mas sabem que: *Rufino também, era um negro velho aí, que até tem ali um nome do lugar por nome Rufino ai ele morava lá esse Rufino, era um preto velho também.*

O mesmo se refere ao mocambeiro Ambrózio, sobre o qual D. Rosa Colé traz indícios interessantes. Diz ela: *Ambrózio era da família da velha Inês, Inês era irmã do Boaventura, era dessa família que o Ambrózio era. Eles depois que eles vieram que subiro a moradia deles era aí pro lago do Aripicu. Eles voltaram quando eles baixaram do Mocambo pro Erepecú. Sim foi, por que teve muito que subiro foram embora, e outros entraro prá Eripecuru, e outros subiro entraram ai pro lado da Tapagem. Esse Ambrózio com a turma dele entraro pra o Eripecú. Tem uma parage lá com muitos anos, anos mermo, uma tá de velha fizeram o acampamento prá lá fica longe, prá lá tem um castanhalzinho, ai eles paravam prá lá depois que eles começaram a ser libertados, depois que eles começaram a sair e a irmã dele era Inês e o irmão era Boaventura, já os galhos que já estavam por aqui era Miguel Nunes pai do Didico que morou com a parenta daqui do parente aqui minha também é dessa família que ele era o velho Ambrózio.* Interessante rever a fala dos narradores do Erepecú.

E uma pessoa chamada que morava na cachoeira chamado velho Ricardo? *Careira. Ele era também dos fugitivos também o pai dele também. O pai dele, era Sebastião Carreira o pai dele. Era casado, a mulher dele chamava Tarcila.* Dizem Sr, Rafael e D. Rosa.

Vocês ouviram falar também da madame Cudreau, que passou por aqui?

D. Rosa diz: *“A minha mãe mim contava que quando eles vieram ela ainda era criança mais já se lembrava de tudo mais ou menos do que acontecia e quando ela veio, quando chegou aí (...) foi no tempo que o marido dela adoeceu, adoeceu e morreu aí enterraram em cima chamado Cundurú, enterraram lá em baixo de Tapagem era um lugar grande, mais tinha um lugar lá, lá enterraram passou uns três anos (...) e agora com 20 e poucos anos vieram buscar o cadáver dele aí. Na hora da despedida que os antigos mais, o velho Chico Adão, Antônio e os outros velhos, Joana Amância, esses velhos que já tavam, Sofia o Manoel Francisco são as pessoas que mais ou menos conversavam com eles. E até hoje ainda vem aqui e acolá ainda querem ver aí, ver aonde era a cova dele e está aí a cova do francês era um doutor.*

Sobre a Comissão de Demarcação de Limites, o Sr. Rafael todo animado, vai informando. *“Pois é, em 1934 entrou a comissão de limite aqui e ajuntando alguns muradores daqui, rapazes daqui prá trabalhá, como trabalhou, daqui trabalhou Antônio Cordeiro da Silva, Marcolino Lima dos Santos, Miguel Viana, Raimundo Carlos, o pai do Valério, né? Zé Marcelo, eles trabalharam na comissão de limites. Na época estava com 14 anos, trabalhei, mas assim encostado, não me ficei porque eu estava de menor, né. Trabalhava assim, fazia viagem na cachoeira com eles, essas coisas assim lá.*

Dos maiores, conheci primeiro o comandante Brás, segundo o comandante Prejocam, terceiro major Santana; aí Gil, Carlos, são esses cinco. Vide anexo 4..

O Sr. Rafael e D. Rosa casaram-se em 1945, nessa ocasião moravam na Tapagem e em 1965 vieram para o Abui, onde já viviam as primeiras famílias que haviam se estabelecidas ali. *Eram o tio dela, o Zé Bernardino, o Leocardio Xavier, Bijoga, Davi com a Inácia a minha tia, também já estavam.*

Antes deles virem para o Abui, moravam na Tapagem, abaixo da Tapagem, no meio da Água Fria. Se estabeleceram no Abui, por quê viu que lá não tá dando bem pra gente morar, aqui tava (...) numa terra, era uma terra boa de primeiro por que agora que a terra do Abui tá ruim que não dá nada a terra do Abui, devido a muita coisa e outras coisas mais e nós viemos pra cá se colocar aqui, se coloquemos ali no ramo, pra lá aonde está a Madalena, nós paremo até fundemos essa casa aqui.

Eu trabalhava em lavoura, já tive muita roça, milho bananal, essas coisas, essa mulher mim ajudou bastante a trabalhar. Com castanha, naquele tempo até com cacau eu trabalhava.

Quem é aviava vocês aqui? Costa Lima, no começo, Costa Lima, Manoel Costa, Costa Lima era um Português, o Suza, o Francisco Sousa, o Duca. Os guerreiros, era o José Gabriel Guerreiro, era o que trabalhava mais pra cá era o era o José Gabriel Guerreiro, ele era patrão, e era prefeito.

Quando eles (os antigos do Mocambo) vieram, descendo, então eles vieram começando explorar a margem baixa do rio, como bem, explorando a castanha, explorando o cacau, todo o negro vieram fazendo isso aí, explorando castanha.

Quando ele viu (o regatão, o comerciante) que estava, entrou os regatões, chegou lá com alguma mercadoriazinha, já trocando com eles, a troca dessas benfeitorias deles e também da produção da castanha e outras coisas, mais cumaru, e outras coisas. Bem aí eles vieram e aí foram dizeno vocês são meus freguês. Aí eles começaram a comprar terra no nome dos pretos, que só quem compravam terra era os negros, eles compravam a terra e levava para Belém e chegava em Belém, trazia o documento de vocês, dizia olha tá aqui o documento, agora eu quero prá passa em branco que vocês não sabe passá, ia embora e ia coloca o lote da terra no nome dele. E assim foi crescendo, começando a toma a terra dos negros. Engrupia o negro tudo, prá incentiva, prá explora mais. Quando Foi 60, 62, morreu Zé Machado. Era um português dono do alto Trombetas. Todo o castanhal pertencia a ele, que foi tomando do meus avós, como até do meu pai. Tomou o castanhal por nome Arroizá (Arrozal), Tapaginha.⁽⁷³⁾

Na fala do Sr. Rafael pode se perceber o sentimento, externado também por outros narradores, sobre a ameaça constante contra o legítimo direito de posse à terra onde secularmente se constituíram essas comunidades. Num primeiro momento a perseguição das expedições punitivas, posteriormente a sujeição, controle e arbitrariedades praticadas pelos regatões, aviadores, mesmo “quando patrões bons” e finalmente a ação violenta praticada pelos órgãos governamentais em particular nos anos 70. O que leva esse descendentes dos

mocambeiros a ter no tempo dos avós, um tempo de fartura, de bondade e o quilombo o espaço de liberdade um sentir bem vivo na fala de D. Maria Francisca do Santos (D. Popó), nascida no Alto Trombetas, e que por ocasião do IV Encontro Raízes Negras, estava com 81 anos. Diz ela: *“O que eu lamento e fico sentida é de ver nossa mesa tomada pelos outros, e nós ficamos olhando com fome sem podêe comê. Isso eu lamento muito. Que no tempo dos meus avós, que eu me criei, isso aqui tudo era liberto, nós não tinha preocupação: ah! Não tem comida, pega um peixe, pega uma tartaruga e nós vamos comê ... Hoje em dia, nós temos saudade. Se nós pega uma tartaruga, nós temo que comê escondido, senão vamo preso, vamo surrado, aqui dentro de nossa terra, tenho bastante saudade do tempo de liberdade tempo que passou”*.

A fala de D. Maria Francisca dá uma dimensão da permanência de uma luta pela liberdade que secularmente se coloca para aquelas comunidades negras do Trombetas. Uma situação que vem sendo revertida sem contudo, arrefecer os ânimos da luta para liberta e a terra e legitimar a sua posse definitiva .

Mas vamos esticar nossa viagem um pouco mais, até a CACHOEIRA PORTEIRA., onde deságua na margem direita, do rio, o lago do Mocambo, onde foi o primeiro refúgio dos pretos. Cachoeira denominada de S. Miguel Archangelo, pelo frei Mazzarino, e PORTEIRA, pelos mocambistas, por ser a primeira, ⁽⁷⁴⁾

Porteira que é um marco da resistência, um divisor de dois tempos: o tempo das águas bravas, dos mocambos, e o tempo das água mansas, o das comunidades remanescentes. Tempos que se juntam nas histórias de lutas e de liberdade. Cachoeira Porteira um lugar de memórias daqueles que buscaram a liberdade - os negros do Trombetas.

74 Barbosa Rodrigues (P. 22)

ANEXO 1

Mesa com os mais velhos - IV Encontro Raízes Negras - Tapagem - Julho de 1992

NOME	Idade	Nascimento	Moradia
Rafael Printz Viana	71	Arrozal	Abui
Maria da Conceição dos Santos	70	Lago Macaco	
Felipe Xavier	67	Tapagem	Tapagem
Pedro Viana da Cruz (Pedro Barulho)	60	Arrozal	Tapagem
Maria Alexandrina Printz	74	Cachoeira Porteira	
Severina dos Santos	92	Arrozal	
Maria Tereza Cordeiro	93	Tapaginha	
Carolino dos Santos	66	Colônia	
Antônio Pereira de Jesus	80	Arrozal	
Entrevistas Realizadas em Julho de 2000			
Carlos Printz,	37	Tapagem	Abui
Rafel Printz,	81	Arrozal	Abui
Rosa Cole	72	Mãe Cué	Abui
Argemiro Vieira dos Santos	72	Rio Cachorro	Paraná do Abui
Maria Cira Cordeiro	57	Tapagem	Abuisinho
Raimundo Printz Colé (Mundaito)	75	Água Fria	Paraná do Abui
Maria Rosa Xavier Cardoso	76	Tapagem	Tapagem
Pedro Viana da Cruz (Pedro Barulho)	70	Arrozal	Tapagem
Raquel Pires do santos	57	tapagem	Sagrado Coração
Ornelio Correa da Natividade (Nilo Colé)	58	Mãe Cué	Sagrado Coração
Rosa Vieira dos Santos	74	Rio Cachorro	Sagrado Coração
Rui Brasil		Oriximiná	Sagrado Coração
Máximo da Conceição	74	Jamari	Jamari
Nazena Andrade da Conceição	77	Mãe Cué	Jamari
Antônio Pereira de Jesus (Antônio Macaxeira)	89	Arrozal	Jamari
Antônia Pereira de Jesus	52	Jamari	Jamari
Ana Régis	88	Juquiri Grande	Juquiri Grande
Luzia Clemente dos Santos	49	Jamari	Juquiri Grande
Raimundo Alves Santos - Davi	60	Porteira	Juquiri Grande
Germano Régis	71	Erepecú	Erepecú
Tereza Fernandes Régis	71	Erepecú	Erepecú
Raimundo Vicente Dias da Silva	66	--	Erepecú
Ibenor Ferreira Pimentel	59	Erepecú	Erepecú
João Sousa Figueiredo - Pinduca	59	Erepecuru	Erepecú
Manoel Fernandes Régis	56	Erepecú	Erepecú
Maria do Carmo Colé Viana	40	Abui	Moura
Mário Santos de Jesus	48	Moura	Moura
Maria Nicolina - D. Esperança	95	Mucura	Moura
Lúcio Macaxeira	81	Moura	Moura
Herminia Nicolino (Roxinha)	74	Moura	Moura